FON FON
ANNO XXVI — N.º 44
Rio, 29 de Outubro de 1932
PREÇO: 1$000
"SANTA THEREZA"
RIO

A confiança exclue a duvida

Quando ensaiamos nadar pela primeira vez, dominanos o medo; desde, porém, que conseguimos vencel-o, graças a um braço protector, o medo se transforma em inteira confiança.

O mesmo occorre com a saude. Depois de havermos conseguido, uma vez, dominar a dôr com

o remedio de confiança

temos a certeza da victoria sempre que de novo ella appareça.

Para as dôres de cabeça, dentes, ouvidos; nevralgias, enxaquecas; colicas das senhoras; resfriados, etc. Levanta as forças, reanima e é totalmente inoffensivo.

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

SONHO QUE MATA

Por Maura de Sena Pereira Lamotte

RACHEL tinha uns olhos claros e bons, traidores do castello encantado que a sua cabeça e o seu coração construiram allucinadamente.

Ella fazia versos lindos, que ninguem lêra. E, dentro embora da sua arte pobre e desconsolada, sonhava com uma gloria incrivel, feiticeira e inegualavel, que fosse a corôa de sua fronte grega e mais bonita que o vestido de baile da Gata Borralheira.

Via-se flor e princeza dos salões. Ouvia applausos doidos de todos os lados. A sua bocca rosada abria-se, seus gestos acompanhavam-lhe a voz toda melodia e prazer e seu corpo de linhas pulchras, coberto por uma tunica da côr incomparavel do dia, movendo-se de acôrdo com o alto pensamento de sua poetica estranha, completava o feitiço do seu verbo de doçura e de tragedia. Ella triumphava.

Depois assistia, com o fogo da illusão, ás suas bodas matrimoniaes. E entrava, pisando com os pés pequeninos a areia branca do seu novo jardim, pelo braço amado e forte do seu rei, na casa feliz em que seria escrava e rainha.

Um principe-zinho de olhos redondos e esverdeados chegaria depois ao seu reino victorioso. E emquanto elle dormisse, aquelle menino que era um mixto de cherubim e de saci-pererê, no seu bercinho de prata e de renda a joven mãe-artista cantaria novamente os versos da sua intelligencia e os entregaria, ufana ao coração das *élites*. Ella triumphava integralmente.

* * *

Depois a scisma formosa de Rachel ia acordando da sua loucura. E os olhos claros e bons daquella amorosa esquecida e daquella estheta ignorada começavam a olhar o ambiente verdadeiro: a miseria era bem da extensão do sonho. E havia uma condemnação para os seus dias: o soffrimento. E um sarcasmo: a obscuridade. Nem o sorriso do amor! Nem a corôa da gloria! Então, Rachel chorava desesperadamente e continuava na felicidade unica da sua chimera de ouro.

* * *

Mas, um dia, morreu o sonho ardente daquella mulher. Foram encontrál-a, no seu leito virgem, com um pequeno punhal enfiado no peito branco. Uma fonte de sangue brotava-lhe do coração. As ultimas lagrimas desciam-lhe das palpebras para sempre quietas. E seus cabellos desnastrados e louros cobriam-na toda, como que a protegêl-a, numa absolvição celestial áquella misera sonhadora do mais famoso dos sonhos.

CONTRASTE — Filhino, o célebre hypnotizador de féras, passa as noites assim, na paz do lar...

BEBADOS — (Conclusão)

de tua mãe que não beberias, e eu, por isso, consegui a permissão dos meus.

— Piedade, Angela!

E, todo impaciente, agarrava-se, cada vez mais, ao seu corpo.

— Queres, então, Jorge que o nosso filho te veja embriagado?

— Juro que não farei mais! Sem ti e sem elle, serei um desgraçado. Tão bôa que és! Não, por tudo, pelos teus, tambem!

Os olhos de Maria Angela brilharam e a lagrima cahiu. A sua fria resistencia abrandou, emfim.

— Fico; porém, não te embriagarás mais, sinão nem Deus fará para que eu more comtigo.

Veiu-lhe, instinctivamente, a dupla bondade de quem já era esposa e mãe. E passou as mãos longas e macias sobre o negro cabello do marido. Elle sentou-se no lado esquerdo de Angela e, sob o silencio e o tenue respirar da criancinha, disse:

— Maria Angela, eu sou um impulsivo; não me contenho. O alcool me domina, me arrasta; uma idéa fixa paira sobre mim; quero beber e nada me obsta. A minha resistencia é uma bôlha que se desfaz deante dum vendaval. Eu só vejo a bebida. Ella me devora. A sua côr é tão attrahente, que fico como um insecto deslumbrado pela luz. Só a tua amizade conseguiu que eu vivesse mais de um anno sem beber. Que luta, que esforço por tanto tempo! Só eu sei que batalha se travou entre a minha vontade e o vicio, e, afinal, elle vencedor e eu o culpado daquillo que odeio.

A compaixão de Angela cresceu, como nunca. Sentou-o nas pernas, entrelaçou-o nos braços, beijou-lhe a testa e, soltando palavras de carinho e perdão, pediu-lhe que, si ainda fosse dominado, bebesse, porém, em sua residencia.

E promoveu-se a paz na volupia de uma amizade reciproca.

* * *

Numa manhã chuvosa de domingo, onde pairava a tristeza, pelo paralizar do trabalho e pelo cahir lento e continuo dos fios dagua, percebendo-se, de quando em quando, o buzinar dos automoveis e o grito rasgado e despertador de vendedores ambulantes, Jorge levantou-se, depois de casado, um pouco apprehensivo.

Maria Angela, com a finura propria do sexo, logo comprehendeu aquella anormalidade.

E antes que o appetite de vinho o conduzisse para os bars, aconselhou-o que não sahisse e mandasse comprar. Prometteu.

Ao almoço, encheu o côpo e, sob a admiração do menino e della, a qual não ficou indifferente á innovação, elle tudo absorveu, até esvaziar a garrafa.

Ella não demonstrou a menor repugnancia e, pelo contrario, a côr de um roxo claro através do vidro e aquelle cheiro travoso lhe deixaram uma desejavel impressão.

* * *

Passados dias, a imagem do alcool, que já se achava esparsa, fixou-se, novamente, e, num inflexivel poderio, levou Jorge a supplicar ante aquelle habito.

Solicitou que lhe dessem de beber. Maria Angela consentiu.

— Experimenta, agora, meu bem bem, um pouquinho.

Ella acedeu. Aquelle gosto adaptou-se ao seu paladar e houve uma conjuncção entre as moleculas do liquido e as do seu organismo.

E não mais recusou os convites que, por isso, se repetiram. E, sentindo alegria, foi, lentamente, envolvendo-se nos seus estonteantes vapores.

Maria Angela, afinal embriagou-se.

Depois reclamava que lhe offertassem mais. E, numa voluntaria impaciencia, exigia a satisfação do seu desejo. Dominada.

Frénetica, a todo instante, exasperava-se com o minimo obstaculo á sua vontade. Irritante, não se lhe podia melindrar na menor coisa. A sua voz augmentou e, em gritos, tudo ordenava. Os empregados retrahiam-se. Seu filhinho envia, de quando em vez, estridentes reprovações. Nem elle, siquer, soube mais o que eram phrases maternaes, sinão de madrasta desordenada. De uma constante meiguice passou a um indifferente abandono. Os moveis arrumados no maior desvelo, por mãos femininas, desarranjavam-se como em redemoinho.

Ella mesma, que se personificava no asseio e na compostura, se transmudou numa verdadeira megéra. Por ultimo, quasi sempre, embriagada.

Jorge, ao entrar, via, ao seu redor, a destruição e o crime. O aspecto que, involuntariamente, o castigava, não poderia transformál-o pela dominadora impulsividade de Maria Angela. E o refugio da sua dôr estava em um daquelles banhos alcoolizados.

Queria recuar. Era impossivel. Na carteira do escriptorio, meditava naquelle reverso e então, fazia protestos intimos de que não mais beberia. E, com esses juramentos, passavam-se, através da lembrança, o seu preterito, o seu presente e o seu futuro. E em confronto, este se focava, intensamente. Elle não resistia. E aquelles excitantes coloridos e cheirosos o automatizavam. E lá ia, ao primeiro botequim. E conforme a quantidade de estimulantes que engolira, annulava-se a representação do seu lar. Varrida, completamente, ou em transmutações com outras, elle marchava, aos tombos, até sua morada. Ahi chegando, Maria Angela se achava, tambem, embriagada, e elle implorava-lhe ajoelhado que despresasse aquelle vicio e ella, beijando-o, de labios espumantes, rogava-lhe que fosse adquirir melhores vinhos.

E assim, deixaram de amar para beber.

MARILIA (Bahia) — Aqui está a sua cartinha amavel, onde V. Ex. me envia um retalho d'"Olimparcial", da Bahia, de 8 de Outubro do corrente anno, referente á secção *Vida Social* do mesmo jornal. Sob o titulo *Notula*, vem uma chroniqueta assignada por Yves.

Eis a referida chroniqueta:

NOTULA

Dia completamente feliz para mim o de hontem.

Não o digo para causar inveja a ninguem. Tampouco lhes vou a dizer porque fui feliz, ontem.

Digam que sou egoista; que reservo só para mim essa terapeutica de espirito que promove tal milagre. Pouco importa.

Basta que eu saiba quanto serão injustos os que assim pensam.

A felicidade é uma cousa tão relativa !

Acreditem-me si eu lhes contasse porque me senti tão feliz vocês só teriam uma exclamação: ridiculo !

YVES

V. Ex. quiz saber si sou eu, Yves, Bastos Portela.

A sua curiosidade se explica. Sendo o meu pseudonymo conhecido, ha dez annos, de norte ao sul do paiz, e escrevendo eu, de preferencia, neste semanario, é claro que ha de causar estranheza que elle appareça em qualquer outro jornal, sem a devida resalva de — transcripção.

Como bem nota V. Ex., ninguem admittirá que um jornalista cioso da sua responsabilidade profissional e literaria, se vá apossar de um pseudonymo, sobre cuja paternidade não póde haver a menor duvida.

Ora, apezar disso, devo declarar — para evitar aborrecimentos futuros — que não me pertence a nota do collega bahiano.

Não tenho previlegios, quanto ao nome de Yves. Mas é claro que me assiste o direito de considerar que só ha, no Brasil, um chronista com tal pseudonymo: — o autor desta secção.

E eu appello para as pessôas dignas e de responsabilidade moral si não concordam commigo, a esse respeito.

Portanto, quero deixar patente o seguinte: qualquer conceito, expendido, fóra do *Fon-Fon*, sob o pseudonymo de Yves, mas sem o esclarecimento necessario, Yves (Bastos Portela) não se entende com o redactor da secção *Saibam todos...*

MUCIO CARIAS (E. Santo — E' muito curiosa a revelação que me faz. Para que, no emtanto, se possa julgar melhor o caso, convem transcrever a sua missiva, na integra.

Escreve o sr.

"Sr. Yves. Ha tempos lhe escrevi uma carta pedindo publicação de um soneto nas paginas de *Fon-Fon*, ou critica do mesmo pela secção "Saibam todos", agradecendo-lhe por esse favor. O sr. criticou-o. E eu nada reclamei.

Lendo a mesma secção hontem, fiquei surpreso. Tive a desagradavel surpresa de ler uma resposta mim dirigida, onde o sr. mata uma questão que eu não dei vida. Estranhei o caso. Suponho que alguem tenha lhe escripto com referencia á critica, usando meu nome.

Graphologo como o sr. é, poderá confrontar as cartas e resolver o caso, reformando seu juizo a meu respeito.

Do admirador *Mucio Carias."*

Acceito a sua explicação. Entretanto, mantenho de pé o meu julgamento, sobre o seu soneto.

Isso não quer dizer que deixe de elogial-o, quando o sr. produzir um trabalho digno de encomios.

Não tenho "parti pris" com nenhum dos leitores desta pagina.

Para que ??

VARO DA GAMA (Minas — Olá ! O sr. é o homem de espirito alegre, tão necessario a esta pagina, cheia de altos e baixos, isto é, ora triste como uma festa de casamento por interesse, ora alegre como um enterro de defuncto millionario, que deixou muitos herdeiros.

A sua carta, como a anterior, ainda deve ser publicada.

Vejamos o que diz ella.

Dois pontos:

"Yves. Ao iniciar essa correspondencia penso em uma passagem de Fradique Mendes. Com sua venia vou transmittir-lh'a. E' Luberga, o rei negro.

A excentrica magestade, toda vez que o temor lhe assaltava, via-se na obrigação de se aconselhar com Ogum. Para tal fim cochichava a sua intima superstição ao ouvido de um escravo, e zaz... trucidava-o, para que a alma, liberta, partisse para o reino de deus, como um correio infallivel. A's vezes, Luberga omittia algum detalhe, e... como "post-scriptum", lá se ia mais um infeliz cafre...

Minhas cartas, devido á minha indisciplina, se assemelham aos recados de Luberga.

Mandei-as tão pouco intervalladas que você respondeu a segunda, sem ter, naturalmente, visto a primeira. Não importa, pois, creio para mim, que seria melhor não conhecer você o que lhe enviei na primeira. Parece-me que você fez de mim uma impressão desagradavel, e nada como um soneto é bom para destruil-a...

E agora, quasi como um "post-scriptum", tanto homicida quanto Luberga, mando-lhe a terceira.

•

Recebi pelo "Saibam todos"... a sua resposta, e seria fatuo dizer-lhe que me sinto bastante desvanecida.

Você, Yves, deu-me uma acolhida tão cavalheiresca e amiga, que agora ensejando-me agradecer-lhe, temo não o fazer com a mesma proporção. Agradecimento é uma cousa, ou melhor, é sentimento de tal fórma incommum que até hoje ninguem conseguiu enquadral-o em palavras. Neste capitulo (é logar commum, mas...) a linguagem humana não tem sido muito feliz, e eu prefiro calar-me, ficando com a gratidão arraigada aqui onde ela móra, silenciosa e certa.

Assim dando treguas a "Uma garçonne carioca", eu penso não ser o menos sincero dos teus admiradores...

Não leve a mal o amigo que aqui se dispõe aos seus mandatos.

Pseudonymo—*Varo da Gama"*

Como vê, a sua carta tem o valor de ser, pelo menos, literaria.

Vá escrevendo, poeta...

NÊGUINHA (Capital) — Não sei si V. Ex. é a gentillissima filha de um meu amigo, advogado notavel. O seu nome de familia coincide em tudo, com o da joven em questão.

De qualquer modo, porém, não lhe darei a minha opinião, sobre os seus trabalhos literarios. Ella seria desfavoravel aos seus projectos.

Quanto aos conselhos, é claro que não lh'os poderia dar nesta secção. Primeiro, porque teria de estender-me longamente; depois, porque teria eu que cahir no ridiculo.

Entretanto, aqui fico a seu dispor. Não desanime.

CAPANGA (Goyaz) — Upa! Lá vem um poeta! E vem de longe: — de Goyaz. A viagem foi longa. Deve estar cançado... Queira sentar-se, poeta... E vejamos a sua missiva:

"Yves: Peço aquilatar, fazendo-o com a franqueza que lhe é peculiar, do escrito á esta junto. Terei prazer em conhecer a sua opinião. Aproveito a oportunidade para lembrar, que, em tempos do ano 31, á sua mesma pessoa, já enviei escritos poeticos, até o momento, entretanto, sem a menor resposta. Contudo, tentando mais uma vez, tomo comigo mesmo a audacia esperançosa de ser respondido com a tentativa que ora envido esforços.

A resposta poderá ser endereçada a *Capanga*.

Antecipadamente grato, assino-me"

Vamos, agora, ao poema:

SI VOCÊ SENTISSE...

Si você sentisse, um pouquinho, o
[meu eu.
E por momentos trocassemos os
[corações,
Eu sentiria o seu,
Você o meu,
Os nossos corações...
Seriam um só,
Em só bloco fundidos,
Livres para o amor,
A gosal-o com todos os sentidos...
De mocidade insatisfeita,
Que não respeita,
Da sociedade os habitos...
Que existe... Que brama...
E no bramir...
Que hade vir,
Terei certesa toda que você me
[ama...

Si você sentisse... meu amor...!
Meu amor... si você sentisse...!

Dentro de minha alma uma voe
[exclama !!!!

Creio que o sr. esqueceu dizer qual a musica com que se deve cantar essa canção carnavalesca... Ou vae mesmo sem musica? Ficaria um pouco desenxabida, secca, árida, digamos — sem graça...

Em todo caso, pode ser que o sr. seja um poeta modesto... E é possivel, mesmo, que, supprimindo a musica dos versos, acabe por supprimir os versos da musica... inexistente.

Quem sabe? Todos os absurdos se devem esperar de um poeta notavel...

EDAMICIS (Capital) — Ora, poeta! O sr. faz declarações interessantes. Diz na sua missiva:

"Amigo e sr. Yves: Cumprimento-o. Desde ha algum tempo que venho me deleitando com a leitura da sua interessante secção "Saibam todos...", da revista "Fon-Fon", escrita com muita "verve" e originalidade.

Sendo como sou modesto nordestino, apreciador das belas letras, filho do esquecido Piauí, estado "do vale do Parnaiba — "o rio das garças" — e chegado aqui, nesta esplendorosa capital, ha quinse dias apenas, surgiu em mim o insopitavel desejo de sofrer a critica de quem, como você, seja entendido na materia.

E para isto junto com esta um dos meus poemas, intitulado "A resurreição da garça" — o 3° da serie que venho elaborando nos momentos de lazer.

Seja franco como de costume. Vergaste-me bem, afim de que fique inteiramente a descoberto, conhecida de todos a pessima veia poetica que, por acaso, eu possua.

Sou muito moço ainda. Quasi analfabeto como a maioria dos brasileiros. Contudo, a minha ignorancia não chega ao ponto de eu desconhecer a existencia, no Brasil, da grande praga de maus poetas, dos quais eu sou um deles.

Aguardando sua abalisada critica, creia-me seu amigo e admirador Edamicis."

Si confessa, aberamente, que conhece a grande praga dos poetas maus, entre os quaes é um delles, o maior serviço que me prestaria era deixar de fazer versos ruins e de envial-os á secção "Saibam todos...."

Sempre seria um de menos. Ao passo que apparecendo — é um a mais para me estragar o bom humor.

Falo em bom humor, porque, de facto, o poema que me remette, mexe e irrita os nervos até de um santo...

Uma prova? Eil-a aqui na sua collaboração:

A RESSURREIÇÃO DA GARÇA

Mataram a minha linda garça!
— Vivo agora triste, sosinho... —
Hei de morrer um dia tambem,
De amor, de saudades infindas,
Pensando no encantador ninho
Que edificara com meu bem
Com tanto carinho, com tanta
Solicitude!
A vida é má, cheia de pezar, de
Nela não existe a virtude
[dor...
Elevados
Nem a bondade e os predicados
Que exaltam pelo seu esplendor!

Minha linda garça está morta!
Já não ouço mais o seu sussurro
De amor, limpido; nem a vejo,
Em seus sutis adejos
Como os suaves beijos,
Ruflando as leves penas
Pela amplidão serena!...

Mas Deus ha de se condoer de
[minha sorte!
Ele resussitará minha linda garça
[morta,
Dando-lhe de novo a vida e o amor
Que vence, que suplanta, que do-
[mina
Tudo e até mesmo a propria morte
Miseravel, cruel e assassina!
Vejo abrir-se do Destino a imensa
[porta
E, por ela, alar-se no espaço des-
[lumbrador
Minha linda garça, com muito
[mais vida
E com muito mais amor!

AVOSINHA (Capital) — Agradeço-lhe as homenagens que me rende e bem assim o seu magnifico presente. Este, não é o primeiro, nem o segundo. E' justo, pois que retribúa as suas amabilidades, enviando-lhe, tambem, um presente.

Qual o seu telephone? Ou o seu endereço?? E' um dever imperioso que eu devo cumprir. Não acha?

JOSÉ' SALLES FILHO (Minas) — Caro senhor. A carta que dirigiu á gerencia do *Fon-Fon* veiu para a minha mesa.

Infelizmente não lhe posso indicar o numero da revista onde saiu a resposta dada ao seu pedido.

Seria necessario percorrer, pacientemente, a collecção do *Fon-Fon*, correspondente a 1924 e eu, francamente, não tenho tempo para nada.

A minha vida é escrever. Imagine agora o sr. que é um homem escrever para viver. Mal lhe fica tempo para as refeições.

Seria melhor o sr. dirigir um novo pedido de grafologia do professor Mota Alves, Caixa Postal 2072 preço: 30$000. Esse professor é um grafologo de grande competencia.

Por minha parte, declaro que não farei mais grafologia, — a não ser das pessoas conhecidas que me procuram, pessoalmente.

YVES

O RESUSCITADO

EM um desses longos crepusculos estivaes em que as almas sonhadoras dão azas á fantasia, toda a cidade se envolvia em chammas vermelhas. As nuvens pareciam um immenso ramo de rosas. Os raios do sol sahiam daquelle *bouquet* de flores rubras como varetas de um grande leque de purpura.

Mauricio Coresanges não podia deixar de evocar o passado e de chamar em seu auxilio as forças invisiveis que governam o Kosmos. Contemplava sem cessar Luiza, sua esposa, e a outra mulher um pouco mais moça cuja presença o enchia de melancolica ternura. Os cabellos de Luiza eram quasi vermelhos, e sua pelle tinha um tom claro e transparente. Desprendia-se della uma especie de volupia dura, cujo encanto o seduzira num crepusculo semelhante ao daquelle dia. Mas o encanto daquella volupia havia desapparecido bem depressa. Não existia entre elles nenhuma affinidade de temperamentos, nenhum contraste agradavel, nenhuma affeição que os unisse. No emtanto, mil sensações subtis mil rythmos mysteriosos levavam Mauricio para a outra mulher. Noutro tempo a tinha amado em silencio, porque ella era noiva de outro homem. Embora elle presentisse claramente, que Gabriela o preferisse ao outro. Mas as regras sociaes imitam a fatalidade das leis naturaes: era muito tarde para lutar com ellas. Durante cinco annos apenas reviu Gabriela. Conheceu Luisa, viuva de um capitão de marinha mercante, sentiu-se conquistado sua belleza, e, não podendo conseguil-a de outro modo, se casou com ella.

Passaram-se os annos, pobres em alegrias. Naquelle dia, Gabriela se sentiu sonhadora e nostalgica de felicidade não cumpridas. Seu marido jazia sob a terra, e ella resurgia para Mauricio tão nova como a herva de abril. Mauricio contemplava sua silhueta leve, delicada, sua pelle de camelia as luzes variadas de seus olhos. Tudo tornava a florescer para elle, que se encontrava na genese, nesse mundo primordial que todos trazemos dentro de nós durante a adolescencia, como si cada destino humano encerrasse algo de começo de um mundo. Mauricio appellava para todas as possibilidades, comprehendia todas as preces dos mysticos. Mas a realidade se approximava immediatamente, a passos firmes e seguros. Era impossivel romper os laços que o uniam a Luisa. Ella era muito religiosa para consentir em um divorcio. Além disso, sem que amasse ardentemente seu esposo, não se considerava infeliz com elle. Ainda era mais absurdo pensar em chegar a uma união illicita com Gabriela...

Acompanhava com a vista as duas mulheres, que desciam ao jardim, e que, de braços dados, se perderam entre as arvores. E exclamou para si:

— Não existirá um Deus que possa desfazer os laços do futuro sem ferir uma alma nem recorrer á morte?

Interrompeu-lhe as reflexões a criada, para dizer-lhe:

— Está ahi um cavalheiro que deseja falar com o senhor... Diz que o assumpto é muito importante.

Mauricio encontrou na sala um homem de nariz aquilino, rosto pallido e olhos de fogo, que lhe disse:

— Cavalheiro, sou um visitante funesto...

E, como Mauricio o olhasse espantado, ajuntou:

— Pelo menos, tenho motivos para assim pensar... De maneira que, antes de tudo, quiz falar com o senhor... para evitar uma impressão muito forte... a... Emfim, sou um resuscitado...

Mauricio sentiu um calefrio por todo o corpo. Em sua retina appareciam mil figuras estranhas.

E o resuscitado exclamou, com voz sepulchral:

— Sou Carlos Lebesgue, capitão de marinha mercante.

Fez-se um silencio, um silencio em que os dois homens ouviam as pulsações de seus corações. Ambos haviam baixado a cabeça ambos esperavam...

Ouviram-se ruidos de pisadas leves e de saias. Entrou Luisa, olhou o desconhecido, com indifferença a principio, depois com espanto, e começou a tremer dos pés á cabeça.

— Mas é... é...

Deu um grito, vacillou um momento e teria cahido ao chão si o recem-chegado não lhe houvesse segurado a tempo pela cintura. Os dois olharam-se de tal modo que, apesar de sua emoção e da immensa agitação de suas almas, aquelle olhar os unia um ao outro. Mauricio o surprehendeu...

Mas, ao voltar a cabeça, viu na porta Gabriela, que tudo tinha visto e escutado... Tambem trocaram elles um olhar... olhar que vencia todos o impossiveis, que reconstruia toda a vida.

Mauricio murmurou, em voz baixa:

— Deus desfez o laço, sem ferir a alma alguma, e em vez de recorrer á morte, nos resuscitou a todos...

J. H. ROSNY

NEM VAGABUNDOS, NEM MENDIGO...

Na Suissa constitue delicto pedir esmolas ou vagabundear. Em alguns cantos a policia recebe uma gratificação especial por cada mendigo ou vagabundo que detenha. Ali os que precisam de trabalho devem procural-o de qualquer modo, porque, não o fazendo, fazem-no as autoridades, dando-lhes ás vezes, occupações que não são lá das mais agradaveis, ora penosas, ora mal remuneradas. E não vale negar-se ou recusar-se ao trabalho: em tal caso, o recalcitrante é mandado para as colonias de castigo ou sejam instituições onde reina a disciplina militar, nas quaes todos são obrigados a trabalhar quanto lhe permittam as forças recebendo apenas casa, comida e um salario minimo. O peor, porém, é que os que entram alli não podem sahir senão quando bem o entenderem as autoridades, porque são verdadeiros presidios essas officinas do Estado, rigorosamente policiadas, sendo difficilimo uma evasão. Por mais longa que seja a permanencia dos presidiarios nessa especie de colonia correccional, isso nada custa ao erario publico porque estas instituições suissas produzem o sufficiente para a sua manutenção.

Os que não trabalham porque não o gostem ou porque para tal não se esforcem são tratados como verdadeiros criminosos.

Na maioria dos districtos suissos existem caixas especiaes que fazem emprestimos ás pessoas de comprovada honestidade, que se achem em difficuldades de momento. Tambem ha em todo o paiz estações de soccorros, organizados philantropicamente, para ajudar á gente honrada que não encontre trabalho, e casas para operarios sem domicilio, nas quaes pode viver com sua mulher e seus filhos a preço minimo e não raro de graça.

As officinas de correcção, para os vagabundos reconhecidos, foram fundadas, em Zurich, em 1637, e, em Berne, em 1657.

A CAUSA DO DIVORCIO

— E' realmente lamentavel o caso dos Cunan. Estão tratando do divorcio.

— Por que?

Helen Brickerman e Foster Cunan estiveram noivos durante dois annos. Mas, apesar do mutuo amor, o casamento era sempre adiado, em virtude da affeição de Foster pelo jogo e de seu grande ciume, que se manifestava, por qualquer motivo, com furiosas e incontrolaveis scenas. Para se casar com ella, Foster teve que jurar que abandonaria o jogo para sempre. Quanto ao ciume, Helen esperava que passasse como uma caracteristica da adolescencia.

Assim, pois, se casaram e se installaram em Baybrook. O casamento despertou a ambição que dormia no temperamento até então preguiçoso de Foster, e durante dois annos seus negocios prosperaram. A sympathia e habilidade de Helen, por sua vez, fizeram com que o lar dos Cunan fosse considerado um verdadeiro modelo de felicidade na communidade de que faziam parte.

No terceiro anno, Helen resolveu passar o verão com uma tia, á beira-mar, e Foster ficou só e temporariamente livre. Durante seus tres annos de vida conjugal, Foster não quebrára nunca sua promessa de não jogar. Mas aquelle verão as noites eram longas e aborrecidas, pois Helen estava longe, e no principal hotel da cidade, onde residia um amigo de Foster, se jogava o pócker todas as noites.

Foster contentou-se com o passivo papel de observador durante as duas primeiras noites. Mas na terceira, a velha paixão que dormia nelle se despertou com tal vigor que elle não procurou resistir. Jogou e ganhou. Tornou a jogar na noite seguinte e nas outras, e seus ganhos augmentaram.

Quando Helen regressou, Foster, que já havia ganho muito dinheiro, quiz offerecer-lhe parte de sua riqueza. Mas tropeçou com uma séria difficuldade. Não podia dar-lhe o dinheiro sem lhe explicar sua procedencia. Para evitar tal coisa, se lembrou de um meio que, naquelle momento, lhe pareceu excellente.

Comprou uma pulseira de brilhantes.

— Recordas o que te disse de meu irmão Mac? — perguntou-lhe, quando ella regressou a casa, naquella tarde. Aquelle que fugiu de casa quando rapaz e seguiu rumo desconhecido, em busca de aventuras?

Helen respondeu affirmativamente.

— Segundo parece, as aventuras não lhe resultaram mal, pois elle actualmente, é muito rico. Esteve aqui, durante tua ausencia, e me encarregou de entregar isto, de sua parte, como presente de nupcias, já que não poude fazel-o no momento opportuno.

Helen abriu a caixa de velludo que seu marido lhe deu e ficou encantada e surprehendida deante da magnifica joia. Immediatamente escreveu uma longa carta agradecendo o presente a Mac. Foster encarregou-se de levar a carta ao correio.

O êxito de sua primeira mentira induziu Foster a continuar jogando.

Tres mezes depois, disse elle a Helen:

— Mac esteve hoje no escriptorio. Dispunha apenas de meia hora, emquanto era feita a baldeação do trem em que viajava. Deu-me este embrulho para te entregar, com muitas lembranças.

Helen abriu o embrulho, e ficou extasiada deante do magnifico relogio-pulseira de platina e brilhantes que o mesmo continha.

— Mas, Foster — disse, no emtanto, cheia de escrupulos. — Mac

De Taylor Byrum

não deve gastar tanto dinheiro commigo.

— Por que não? — tranquillizou-a Foster. — Não é para elle nenhum sacrificio, pois que tem uma grande fortuna.

E satisfeito com a certeza de que Helen acceitava a explicação que lhe dava dos presentes — a familia Cunan não tinha, em Baybrook, outros membros que pudessem informal-a da verdade, — Foster continuou seus *jantares* de negocios. Quando perdia, Mac não apparecia pela cidade durante varios mezes.

Assim decorreu um anno. Helen tinha mais joias do que as que podia ostentar, mas continuava acceitando-as com uma especie de enthusiasmo infantil. Os presentes, todos elles de valor, eram uma especie de palliativo para a consciencia de Foster, toda vez que esta dava signaes de vida. O facto de deixar de cumprir uma promessa pré-nupcial parecia-lhe menos grave desde que isso proporcionava contentamento a Helen. Nunca occorreu a Foster que sua esposa tinha uma infinidade de joias inuteis e, no emtanto, lhe faltava dinheiro para comprar outras coisas.

Mas Helen não estava satisfeita. Queria varias outras coisas e, sobretudo, um agazalho de pelles. Durante semanas inteiras pensou na possibilidade de indicar a Foster que dissésse a Mac que lho mandasse em logar de outra joia, na proxima occasião em que desejasse fazer-lhe um presente. Mas não se atreveu, deante do temor de que Foster não approvasse tal idéa.

Outra solução que lhe occorreu lhe pareceu mais apropriada. Tinha varias joias que não usava nunca, e cujo desapparecimento, por isso mesmo, Foster não poderia notar. Vendel-as-ia, pois, e compraria, com o dinheiro que apurasse, o desejado agazalho de pelles.

Assim o fez, sem o conhecimento de seu marido, pois não queria, sobretudo, que este não julgasse que ella deixava de apreciar os presentes de seu irmão Mac.

Pago o agazalho, ella mandou que o mesmo lhe fosse enviado pelo correio.

Orgulhosamente, como si esse agazalho de pelles fosse o unico no mundo, mostrou-o a Foster.

— De quem é? — perguntou-lhe o marido.

— Mac mandou-me.

— Mac? — repetiu.

— Mac, naturalmente — respondeu Helen. — Como pensas que eu poderia conseguir semelhante agazalho, si não fosse assim? Elle é o mais adoravel e o mais generoso dos irmãos!

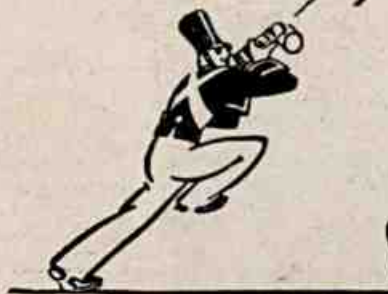
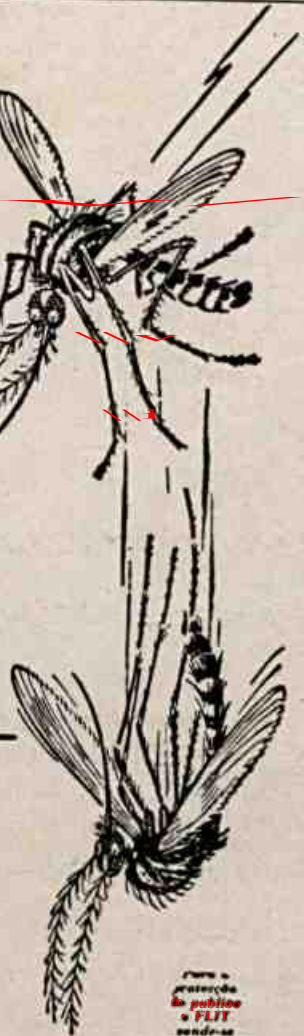
Um véo vermelho pareceu fluctuar deante dos olhos de Foster. Suspeita e medo uniram-se em um ataque furioso de ciume. Poz-se de pé, tremendo de raiva. Sabia que Helen estava mentindo — porque Mac Cunan não havia dado signaes de vida nos ultimos quinze annos.

Para Foster só havia uma explicação possivel. Arrancando-lhe o agazalho das mãos, elle deu um bofetão na esposa, fazendo-a cahir sobre o divan. Por um momento se deteve olhando-a com odio. Depois lhe atirou o agazalho de pelles, e, voltando-se bruscamente, sahiu.

* * *

— E' realmente lamentavel o caso dos Cunan. Estão tratando do divorcio.

— E qual é a causa: mulher ou homem?

— Um homem, segundo ouvi falar.

Notas de Arte

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS. — Em a noite de jovedia, 5.ª-f., 6 de outubro, sob a regencia do maestro Fr. Braga, sendo solista o pianista Radamés Gnatalli, realizou no T. M. a orchestra da S. C. S. o seu 186º concerto, 1º de assignatura da temporada deste anno, observando o seguinte programma: ARENSKY — 1.ª *Symphonia* (1.ª audição); TCHAIKOWSKY — *Concerto em si bemol* (piano e orchestra); RIMSKY KARSAKOW — *Scheherazade*.

Exhibindo exclusivamente composições russas, o concerto deliciou o auditorio com o colorido embriagante, a luminosidade auroral que parece predominar em quasi toda a musica slava na sua forma mais acabada, através dos compositores de nacionalidade russa. Não só o *grupo dos cinco* — a famosa pentarchia musical, constituida por Balakirew, Cui, Mussorgohy, Borodine e Korsakow — mas ainda os que se deixam influenciar pela musica allemã, taes como Arensky e Tchaikowsky, todos manifestam o mesmo caracter fundamental, que os technicos saberão demonstrar, e que resumimos na expressão — *musicalidade slava*. Sente-se bem essa musicalidade na *Symphonia* de Arensky, cujo 2º *tempo* é de inebriante lyrismo; ainda mais no *Concerto* de Tchaikowsky, principalmente no 3.º *tempo*, e attinge a excepcionaes esplendores em *Sheherazade*, onde o ouvinte parece transportado ao palacio de Schahriar e ouvir Scheherazade desdobrar aos olhos deslumbrados do Sultão os contos phantasticos 1001 noites...

A orchestra de Fr. Braga se nos revelou de grande poder emotivo. Viveu com muito brilho todos os numeros. Sobresahiram, ou melhor, sensibilizou-nos mais especialmente o violoncello de Newton Padua e a flauta de Pedro Gonçalves.

Pela technica, pela bravura foi digno parceiro da orchestra, o pianista patricio Radamés Gnatalli.

Com repetidos e intensos applausos o publico saudou o bello concerto da *Symphonica*.

Seis dias após, em a noite de mercuridia, 4.ª-f., 12 de outubro, teve lugar no mesmo T. M., o 187º concerto da S. C. S., 2.º de assignatura, e commemorativo do 20º anniversario da operosa e util sociedade, que já fez tanto e está fazendo ainda em prol da arte musical entre nós. Foi executado este programma: BERLIOZ — *Carnaval Romano*, 2ª Abertura para a op. "Benevenuto Cellini"; BRAHMS — *Concerto para violino e orchestra, op. 77*; ALBENIZ — *Catalonia* (Suite popular); WAGNER — *Siegfried* (Idylio) e *Os mestres cantores* (Introducção do 3º acto e Dansa dos apprendizes).

Antes da festa musical, leu o dr. Luiz Pinheiro Guimarães breve allocução sobre a vida e a obra da S. C. S. durante as duas decadas da sua existencia, accentuando-lhe os longos e pertinazes esforços pela diffusão e aperfeiçoamento do bom gosto musical e assignalou o facto de ter ella executado nos seus 186 concertos anteriores cerca de 300 composições de musicos brasileiros e indicou os nomes dos que têm sido regentes da orchestra: quasi sempre o maestro Fr. Braga, e intermittentemente Alber-

to Nepomuceno, Oscar Guanabarino, Lorenzo Fernandes, Antão Soares e outros.

Foi dos melhores e mais applaudidos o 187º concerto da S. C. S..

Fr. Braga dirigiu a orchestra com a costumada maestria. Foram, ou, pelo menos, pareceram-nos esplendidas as edições que nos deu a *Symphonica* das musicas de Berlioz, Albeniz e Wagner. Entre ellas houve, porem, duas que nos deram impressões oppostas, não como *interpretação* mas como *composição*: A *suite* CATALONIA e o *idylio* SIEGFRIED.

Embora no genero bastante apreciavel e talvez mesmo de valor technico superior, *Catalonia* é musica muito objectiva, e de grosseiro objectivismo, muito materialista; idealiza o barulho das massas, a alegria desordenada das multidões, e não o faz de modo a nos encantar, a nos sensibilizar o senso artistico; exalta mas não enthusiasma. O contrario é o idylio de Wagner, *Siegfried*. Pagina lyrica de delicioso effeito, musica subjectiva, que fala mais ao coração do que aos sentidos, mais sentimento que sensação, encanta e commove. Ouvindo-a, evoca toda a gamma dos melhores motores affectivos e se tem a visão de um panorama campestre, por uma manhã de sol, cheio de côres e perfumes, que não deslumbram nem embriagam, mas illuminam e vivificam. Caracterizando-se a musica de Wagner sobretudo pelos grandes effeitos de sonoridade, em *Siegfried* apparecenos sem esse caracter, é uma excepção; surprehende e extasia. Parece uma hora de bonança num dia de tempestade. Ouvindo-o simultaneamente, na mesma audição, com *Os Mestres Cantores*, tem-se a grande impressão dos contrastes mas sempre a mesma impressão de belleza.

Não menos bella a execução do *Concerto* de Brahms, mas aqui os louvores á orchestra têm que ser repartidos com o solista. Oscar Borgerth mostrou-se-nos violinista que allia no saber technico o talento da expressão. Applaudindo toda a execução, sentimo-nos mais emocionados ouvindo o 1º tempo, *Allegro non troppo*, onde nos pareceu maior a força communicativa do jovem virtuose.

O publico mais numeroso que no concerto precedente ovacionou com enthusiasmo cobrindo de flores os instrumentistas e o regente. Houve uma nota *chic*: a cada senhora ou senhorinha que penetrava o T. M. destribuia a S. C. S. pequeno ramalhete de cravos e rosas.

Roberto Tavares e Arnaldo Rabello, que são dois artistas festejados, com viagem de aperfeiçoamento á Europa, appareceram juntos na semana passada, num «Duplo Concerto de Mozart», (para piano e orchestra), realizado no Municipal, sob os auspicios da Sociedade de Concertos Symphonicos do Rio de Janeiro, alcançando grande successo.

DULCE DE SAULES. — No Salão Leopoldo Miguez do I. N. M., e como 4.º concerto extraordinario da As. B. M., realizou em a noite de sabbado, 15 de outubro um recital Chopin a Prof. srta. Dulce de Saules, livre-docente do I. N. M., fazendo-se ouvir, fóra varios *extra*, nestas composições do genial "poeta do piano": *Barcarola*, 6 *Preludios*, 10 *Estudos*, 1 *Nocturno*, 2 *Mazurkas* e 1 *Ballada*.

A srta. Dulce de Saules é uma das nossas mais notaveis planistas pelo talento e pelo estudo, que em suas execuções revela. Toca sentindo e sente pensando. Quando a ouvimos, notamos, entre os attributos communs dos bons pianistas, um caracter muito especial: a comprehensão minuciosa dos autores. Detalha-os tanto que, talvez por isso, a força communicativa da interprete, notavel embora, não seja tão intensa como pudera ser. Isto aliás é apenas uma impressão, e é possivel seja impressão falsa; dizemol-a porque a sentimos. Em compensação, é o talento analytico da pianista que nos faz perceber effeitos que a outros executantes escapam. Vimol-o especialmente nas interpretações do *Preludio* n. 17 (?) a da *Estudo* n. 3 (?). Repetindo o conceito que sobre a Corcitalista ouvimos a *Cortot* através de um communicado amigo, dizemos que a artista patricia descobre ás vezes novos veios de ouro em minas já muito exploradas; taes as phrases accentuadamente dedilhadas naquelle *Preludio* e naquelle *Estudo*.

Chronista de impressões e não critico musical propriamente dito, assignalamos como as interpretações que mais nos emocionaram a *Ballada*, a bellissima 3ª *Ballada*, o *Nocturno*, e os ultimos *Estudos*. O publico parece que tambem sentiu como nós sentimos. Applaudindo embora todas as execuções, ovacionou com mais enthusiasmo aquelles poemas, onde appareceu mais vivo o genio de Chopin.

OSCAR D'ALVA

UM ESTRABISMO CURIOSO — Num congresso de oculistas realizado em Paris ha algum tempo foi revelado, com surpreza geral, o seguinte e curioso caso:

Vinte e cinco por cento dos doentes que procuram os oculistas padecem, sem que o saibam, e sem que o notem outras pessoas, de um estrabismo que recebeu o nome de "estrabismo latente".

Ficam vesgos quando estão dormindo porque em consequencia de certa desigualdade nos musculos que sustentam os olhos, e que se affrouxam durante o somno, um dos olhos inclina-se mais que o outro, dando origem a tão estranha anomalia.

A victima desta enfermidade ha pouco descoberta não é vesga durante o dia porque, estando acordado, os musculos readquirem toda a sua força.

Um apparelho especial revella cabalmente esta nova especie de.... zarôlhos.

* * *

O GUARDA-CHUVA, ARTIGO DE LUXO — No seculo XVII a fabricação de guarda-chuva, teve seu posto entre as industrias de luxo. Mediam estes 1 metro e 25 centimetros de altura e, abertos, tinham 3 metros e meio de circumferencia, pesando ainda um minimo de cinco kilos.

Custavam, então, cerca de 1:500$000, moeda brasileira. Faziam-se de couro, de encerado, de seda impermeabilizada ou de papel envernizado.

Em taes condições, comprehende-se que bem poucas pessoas poderiam fazer-se o luxo de um guarda-chuva, genero barraca, dos nossos avoengos.

Ja era muito possuir-se um só para toda uma familia, e que se transmittia de geração a geração...

* * *

UM CLUB PARA SO' SE COMER COM OS DEDOS — A Grã-Bretanha, paiz por excellencia de toda especie de clubs, acaba de ver inaugurado um novo *cercle*, chamado o *Fräger Club* (Club do Dedo).

Os socios desse club, na sua maioria commerciantes e homens que exercem profissões liberaes, por accordo mutuo tomaram a original iniciativa de se reunir uma vez no mez em banquete, no qual só se comeria com os dedos.

Os *menús* consistirão principalmente de salsichas, doces, pão, queijos, marmeladas, etc.

ATKINSON
É A PERFUMARIA
DA ALTA
SOCIEDADE
ROYAL BRIAR
A serie de ouro das pessôas elegantes
ROYAL BRIAR — Loção
ROYAL BRIAR — Agua de Colonia
ROYAL BRIAR — Brilhantina
ROYAL BRIAR — Sabonete
ROYAL BRIAR — Pó de Arroz
ROYAL BRIAR — Bandolina
ROYAL BRIAR — Perfume
ATKINSON
LONDRES - PARIS - BUENOS AIRES - RIO
A' VENDA EM TODO O BRASIL

DESDE 1926 . . .

. . . VENDE-SE NO BRASIL UM SABONETE NACIONAL IGUAL AOS MELHORES EXTRANGEIROS E POR PREÇO MAIS BARATO.

MILHÕES DE PESSOAS experimentaram o sabonete EUCALOL e ficaram enthusiasmadas com a sua pureza, o seu perfume agradavel e persistente e com o seu admiravel effeito therapeutico.

SABONETE

Eucalol

Á BASE DE EUCALYPTO

••• *Exija a fita vermelha de garantia* •••

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES ULTIMAMENTE APARECIDAS

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 44

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1932

Divagando

O mundo actual não é, positivamente, muito divertido. Os observadores divergem do ponto de vista da analyse, mas todos estão de accôrdo quanto á conclusão. As causas?! São tantas... Por isso mesmo a difficuldade em fixál-as, para juizo final. O certo, o positivo, é que o eixo central da vida está deslocado.

E a Humanidade tacteia, caminha no escuro de cabeçada em cabeçada...

Complicaram tudo de tal fórma, que agora é preciso simplificar, racionalizar os principios geraes da vida.

Até para o Amôr renovaram o circulo *dantesco*...

E quando alguem tenta arrancál-o das profundezas em que se abysmou, para fazêl-o pairar longe das miserias terrenas, o côro das carpideiras moralistas alteia a voz, clamando castigo para os perjuros, iconoclastas, portadores de idéas novas! Charles Wagner tem um livro, que já me impressionou, espécie de cathecismo cuja leitura fiz por vezes em voz baixa, compassada, para melhor concentração do espirito. *La vie simple*, para mim, hoje, é uma obra de valor secundario. Por uma razão simples tambem. O autor poucas vezes caminha para a *esquerda*.

Não se escandalizem os leitores. Não vou articular nenhuma profissão de fé...

Esboço apenas uma chronica, faço o meu rendilhado de phrases, com o proposito honesto de fornecer aos outros, aos que lêm, um passatempo agradavel. Si affirmei, ao principio desta, que o mundo actual não é, positivamente, divertido, devo concorrer para suavizar as agruras dos mortaes que nelle passeiam as suas nevroses... E como pretendo chegar ao fim sem a ajuda do mestre Austregesilo, tenho que tudo acabará bem.

Vou tentar apanhar o fio das minhas considerações, com escalas suaves, tocando ao de leve em themas outros, do agrado de toda a gente. Presentemente, os espiritos inquiétos, que não atinam com a marcha dos acontecimentos mundiaes, fazem esta interrogação: — *Para onde vamos?!* Como a pergunta permanece no ar, sem resposta, cada qual raciocina a seu modo, sem apoio da logica, tonto. Não atinando com o fim, os zoilos contentam-se em positivar a causa dos males sociaes, Eurzindo a Russia dos Soviets.

Está em móda uma literatura que abrange inquéritos vários sobre a Russia, parecendo que os escriptores se consorciaram para a difamação de tudo quanto diz respeito ao defuncto Imperio dos Czares.

Ah! tudo é infame. A' força de lêr essa propaganda contra, a gente fica arrepiado.

Um escriptor assignala: *Sua dynamica revolucionaria dissimula a peor das situações estaticas, uma petrificação dos cerebros.* Será mesmo?!

E' verdade que a dynamica revolucionaria franceza custou muito a ser comprehendida por certas cabeças duras, quando deitou abaixo convenções que vinham resistindo ao Tempo.

Hoje, o *camarada* Stoltz escreve: *Viver é manifestar-se por uma fórma integral... No caso contrario, não se vive: existe-se. Podemos existir cem annos, sem viver um só dia... E os bolcheviques devem viver, devem tirar da vida o maximo de gozos, com a condição de não identificar seus prazeres com os do burguez recem-chegado...*

Escandalo!, gritam mil vozes. Por que?! Antes de Stoltz, outros já não pregaram as mesmas idéas, por palavras differentes? E acaso o *amor livre* não surgiu com o proprio mundo?...

Levou a bréca o pudor, acabou-se a familia! Fica-se a conjecturar toda a sorte de torpezas. Porém apparece-nos um espirito fulgurante, um homem de sciencia, um psychologo de lei, e vae desfiando, deante dos nossos olhos, as contas do rosario das suas observações desapaixonadas. Mauricio de Medeiros, num livro admiravel, mostra-nos uma outra Russia possivelmente plasmada para destinos menos vermelhos, como ahi querem. *Si o conceito de familia procura ser alterado doutrinariamente, o sentimento subsiste e resiste á nova plasticidade, que lhe deu a legislação sobre o matrimonio, uma das mais curiosas de que tenho conhecimento*, escreve Mauricio de Medeiros. Assim, não só a familia, como o amor, como tantas outras coisas necessarias e humanas resistirão a tudo quanto não fôr racional, continuando a vida aqui e ali a ser bella, salvo quando vista através das lunetas escuras dos pessimistas. Vamos acreditar que assim seja, para a alegria de um mundo melhor...

Mario Poppe

A NOSSA REPORTAGEM PAULISTA

CONTINUAMOS, hoje, conforme annunciámos na penultima edição de FON-FON, a publicação da grande reportagem photographica sobre os acontecimentos de São Paulo.

Offerecemos, no pre-

Uma patrulha de reconhecimento da cavallaria de Rio Pardo, na frente sul.

Combatendo em plena chuva numa trincheira da frente sul.

sente numero, aos nossos leitores, outros detalhes da revolução constitucionalista que durante quasi tres mezes nos privou do intercambio affectivo e commercial com o grande Estado de São Paulo.

Um dos trens blindados das forças constitucionalistas.

A TRISTEZA PHILOSOPHICA

A tristeza philosophica expressou-se algumas vezes com taciturna magnificencia. Como os crentes chegados ao ápice da belleza moral saborearam o gozo da renuncia? O sabio, persuadido de que tudo o que nos rodêa é apparencia e engano, embriaga-se de melancolia philosophica e se abandona ás delicias de suave desespero, dôr profunda e bella que não trocariam, os que a sabem sentir, pelas frivolas alegrias e vãs illusões do vulgo. E os impugnadores, que, apesar da belleza esthetica de taes idéas as julgam funestas para o homem e para as nações, sem duvida retirariam seu anathema quando se lhes mostrasse que a doutrina da illusão universal e a derrocada de todas as cousas nasceram na idade de ouro da philosophia grega com Xenófones e se perpetuam através da humanidade culta nas intelligencias mais elevadas e serenas e tranquillas: Demócrito, Epicuro e Ganeudi.

Carro blindado que serviu ás tropas paulistas no sector do sul.

MONOPOLIO ODIOSO

Um dos grandes homens politicos da França moderna disse que o mais odioso de todos os monopolios era o da intelligencia ou da virtude que certos ou certos partidos se arrogavam. Em verdade, nada mais insupportavel do que os individuos que entendem de ser donos da intelligencia, da sabedoria ou da honestidade do mundo. O talento desses sujeitos não passa de simples habilidade ou esperteza favorecida pelas circumstancias. A virtude nelles não é mais do que uma hypocrisia cabotina.

Não precisamos indicar cabeças para essas lindas carapuças.

No sector de Piquete: o coronel Euclydes Figueiredo visitando aquella linha, nos primeiros dias do movimento armado. Nos medalhões: a) uma metralhadora pesada em acção; b) defendendo uma ponte. Em baixo: um acampamento dos paulistas.

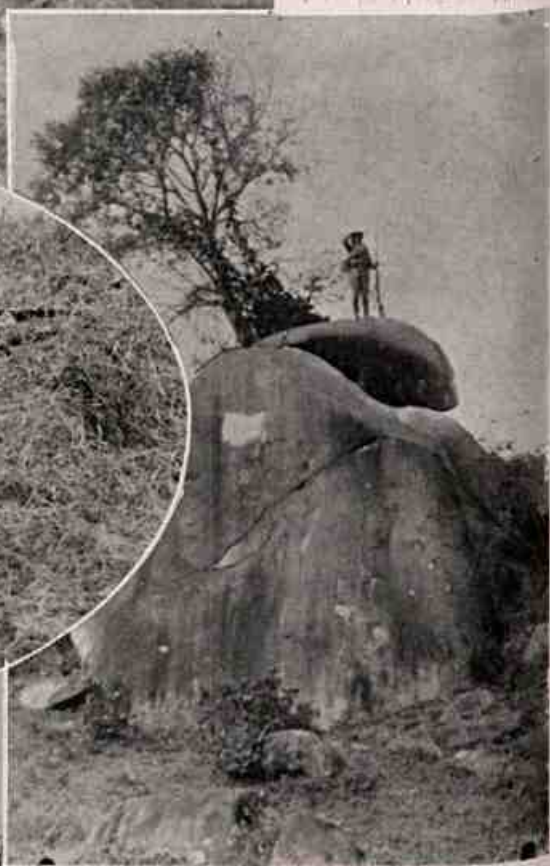
REFORMA E REVOLUÇÃO

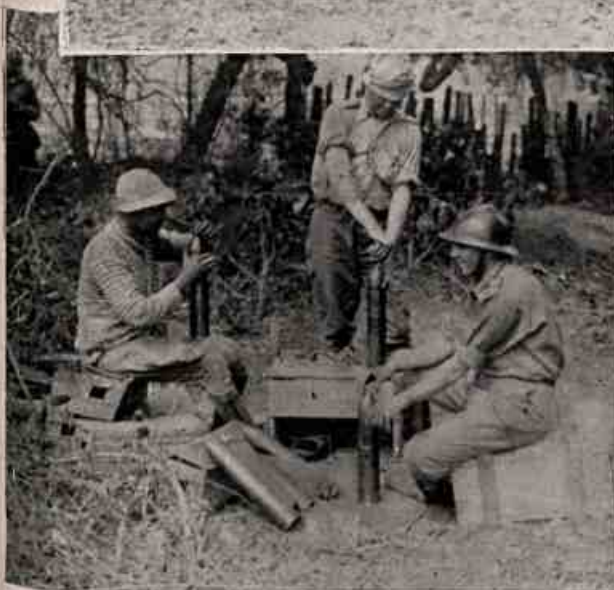
E' mais facil fazer revoluções do que realizar reformas.

Para a revolução, basta a falta de escrupulo ou a coragem, ou mesmo a insensibilidade. Para as reformas, é preciso ter cultura e intelligencia.

Talvez seja até necessaria a virtude. Pelo menos sinceridade.

Faz revoluções quem quer. Só faz reformas quem póde.

A reforma é sempre um passo adeante. A revolução parece ser um passo adeante e geralmente representa muitos para traz.

No sector de Amparo, quando a luta era mais intensa, ali, vendo-se uma sentinella avançada no alto de uma pedra. A photographia de baixo focaliza um instantaneo do «pagamento» de fusis.

Outros flagrantes da luta no sector de Amparo. Duas trincheiras na fazenda Iracema. Collocando espoletas nas granadas. Preparando-se para o ataque ás posições inimigas.

DO HEROÍSMO

O heroísmo é uma simples decisão da fé corôada dos melhores auspícios.

Qual a pessôa que se propôz receber a consideração de heróe e a conseguiu? Nenhuma; porque ninguém, na paz ou na guerra, — na luta pela vida, — teve jàmais, certeza de ser herôe.

A coragem e o mêdo tudo decidem: Tanto póde ser heróe o timido quanto o mais arrojado. A bôa ou má sorte póde, de uma hora para outra, inverter os papeis...

E' de uma parcella de coragem, procedente da fé, que se fazem os heróes.

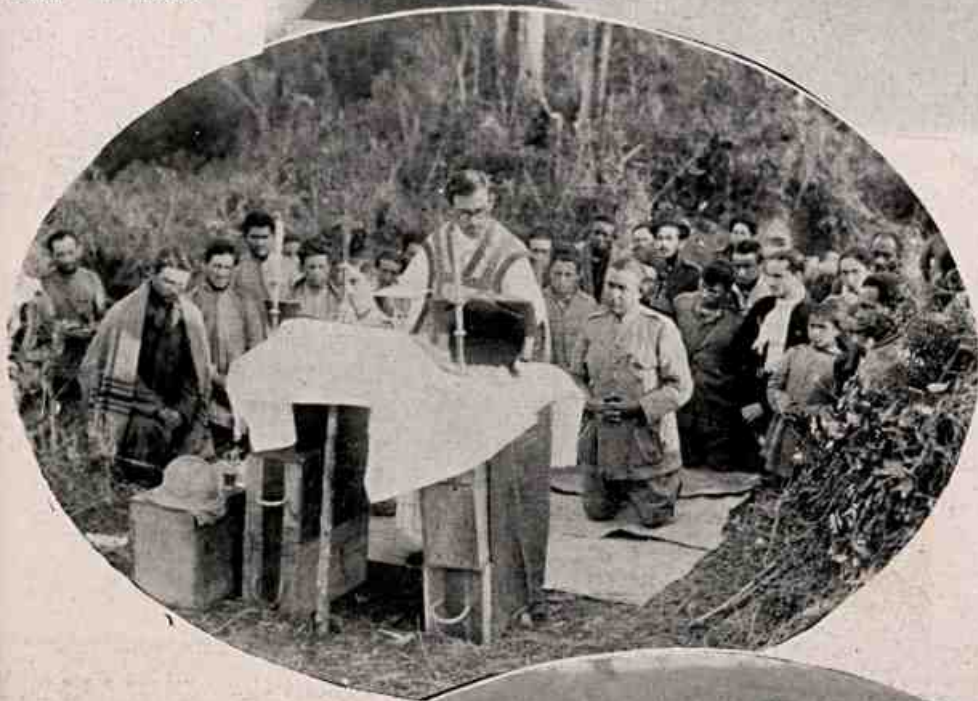
ALEXANDRE PASSOS

Soldados constitucionalistas á hora do descanso, perto da linha de frente.

VIOLAÇÃO DE DIREITO

A injustiça que me fazem a mim devia ser repellida e condemnada pela sociedade inteira, não porque eu entenda que esta deva se incommodar com a minha vida ou porque tenha pruridos de importancia, mas porque a bôa logica assim o ensina.

Emile Ollivier está coberto de razões quando escreveu estas palavras inspiradas: "O direito violado num individuo é violado em todos os individuos e é não lisongear-se de ser uma excepção." Por que? Porque aquelle que violou o meu direito violou uma regra geral e amanhã, com a mesma sem cerimonia, violará o direito dos outros, de muitos mesmo que applaudiram a violação praticada contra mim...

Transporte de tropas, em Arêas.

Missa para os soldados, no «front».

Distribuição da correspondencia trazida pelo correio militar, em Quilombo.

No sector norte: um lança chammas e duas trincheiras.

OS LOBOS

A Russia é o paiz dos lobos. Segundo a revista franceza Caça e pesca, antes da guerra calculava-se a população [illegible] daquelle Império em 175 mil feras que devoravam annualmente umas 188 mil cabeças de gado vaccum e cavallar, 560 mil ovelhas e 100 mil [illegible], perdas essas avaliadas em uns quinze milhões de rublos. Comtudo, o prejuízo mais doloroso era o de 150 [illegible]

Ainda no sector norte: a vida das trincheiras.

comidas, na média, por anno.

Naturalmente, os russos faziam aos lobos guerra sem mercê, embora não conseguissem reduzir seu numero. Evitava, entretanto, que augmentassem. Agora, a quantidade dessas féras cresceu enormemente, pois a guerra e a revolução communista lhes proporcionaram abundantes e faceis meios de subsistencia, tendo-se quasi por completo abandonado a perseguição que outrora lhes era feita.

POEMA EM PROSA

Tu és meu dia de Anno-Bom, meu dia de promessa festiva, meu dia de Esperança, meu dia de Amor, meu dia de Liberdade!

Tu és o Natal do meu inverno proximo: noite de luar, campo alvo de neve, lareira acolhedora, mesa farta, presente de festas do Destino, estrella que guiou os pastores e os reis.

Teu amor embriaga a minha vida. Como um velho vinho de perfume capitoso! E cheiras como um vergel, quando os fructos amadurecem. E cheiras como um jardim, quando as flôres desobrocham.

Teu amor embriaga a minha vida. Como uma embriaguez que jamais se curasse. E cheiras como os vinhos claros, côr de ambar, de topazio e de ouro antigo. E cheiras como os vinhos escuros, vermelhos e espêssos como o sangue.

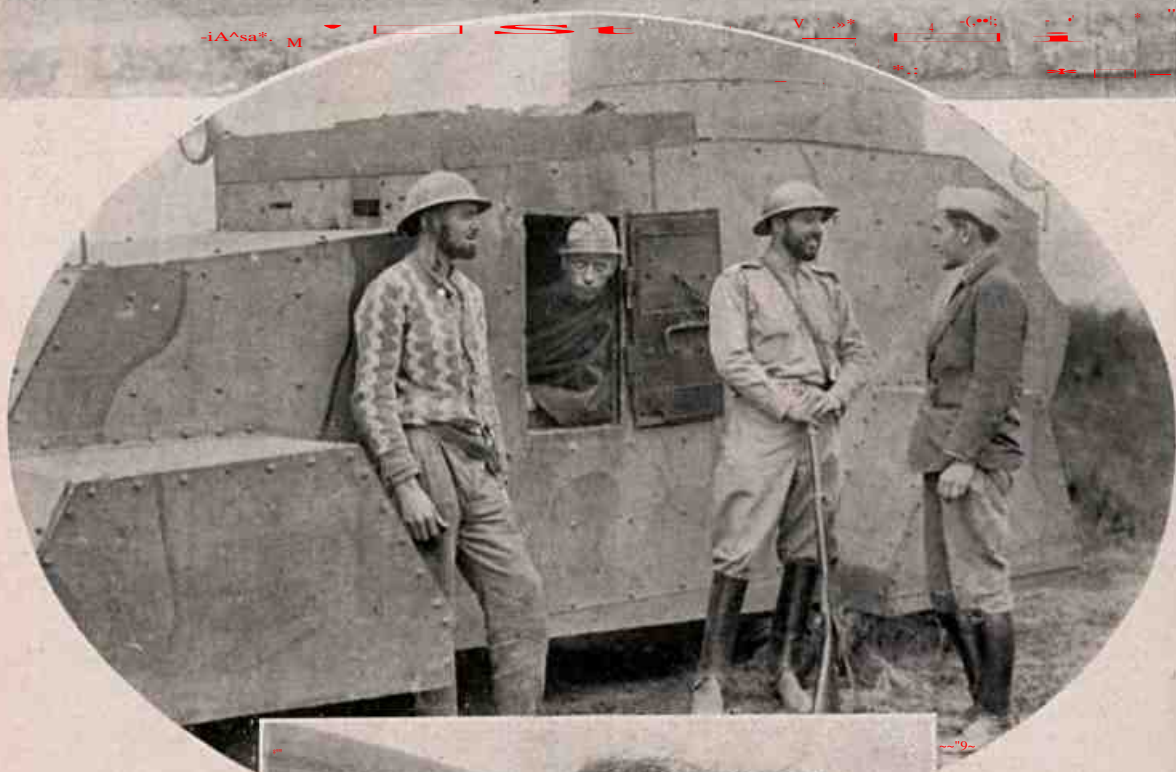
Tu és a alma suave que impregna de vida e de belleza a sumptuosidade das joias e a futilidade magnifica dos vestidos.

Tu és a alegria que dilata as physionomias, faz luzir os olhos húmidos, gargalhar as gargantas sôlugantes e florir em risos o rostos que a tristeza anuviava.

D. JAYME

No alto: um voluntario paulista enchendo cantis de agua. Ao centro: artilharia pesada. Em baixo: uma trincheira no sector de Cunha.

Os «Capacetes de aço» em Lorena, a caminho das linhas de fogo, ainda no inicio do movimento. No medalhão: uma patrulha dessa tropa no sector de Pinheiro.

Aspectos da vida no «front». Cozinhas de campanha, servidas por figuras representativas da sociedade paulista. Os coroneis Euclydes Figueiredo e Palmercio Rezende em Lorena. Bombardas. A artilharia de Matto Grosso na fazenda Bom Retiro (sector sul). Trincheiras em Silveiras.

No alto: a familia Leme, de Bragança, que tomou parte saliente na luta, ao lado dos constitucionalistas. Ao centro: um carro blindado sob o commando do capitão Negrão. Em baixo: curioso disfarce de um automovel paulista que, perseguido pelos aviões federaes, no «front», assim se occultou do inimigo.

A gentil senhorita Alayde Eyer, filha do professor Frederico Eyer, teve mais um excellente pretexto para improvisar um baile no palacete da rua Professor Gabizo, sem qualquer protesto por parte de seu illustre progenitor, que chegou mesmo a ajudál-a na organização da festa dançante... O pretexto foi o natalicio da senhorita Alayde, transcorrido no ultimo sabbado e, desse modo, rutilantemente festejado pelas muitas amiguinhas da querida e prendada anniversariante, que se vê na gravura, sorrindo de contentamento.

ANTHOLOGIA

Uma revolução contra um poder constituido póde ser uma necessidade, mas nunca um exemplo que se pôssa converter em principio.

Luiz Napoleão

Senhorita Lucilia Prado, que se casou, recentemente, em São Paulo, com o sr. Franklin Barros Vianna. (Photo Cerri — S. Paulo).

Os demagogos sem energia e sem talento acreditam que uma nação póde reconquistar sua liberdade com phrases e proclamações.

Cavour

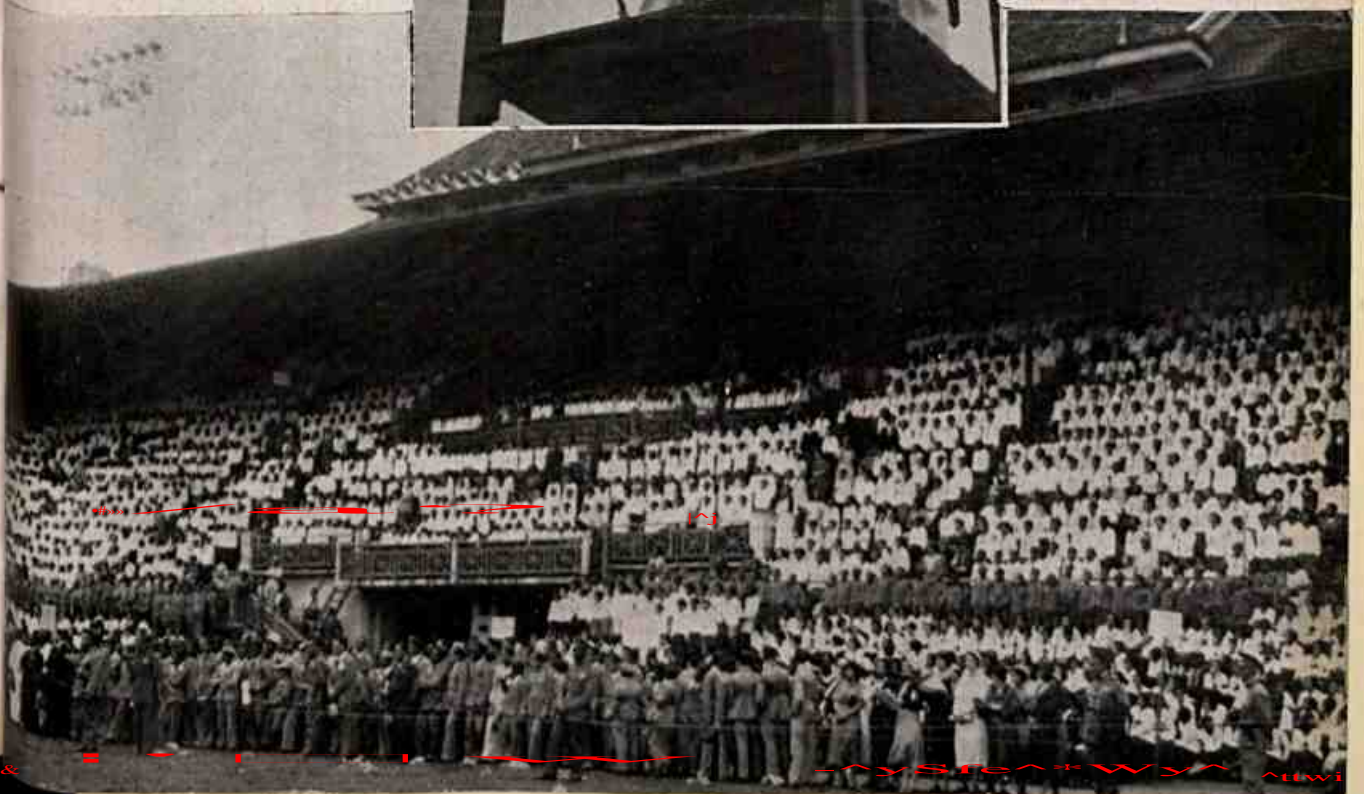
Ha gente que por não ser capaz de nada é que é capaz de tudo.

Falloux

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro promoveu sexta-feira penultima uma sessão solenne para commemorar o nonagesimo quarto anniversario de sua fundação, tendo á mesma comparecido o chefe do governo provisorio, que ahi apparece ladeado pelo conde de Affonso Celso, presidente perpetuo daquelle instituto, e pelo general Espirito Santo, m nistro da Guerra.

Grupo tomado na residencia do dr. Porto da Silveira, nosso brilhante confrade do «Jornal do Brasil» e advogado nos auditorios desta capital, por occasião da recepção que o illustre casal offereceu para festejar o anniversario de seu intelligente filhinho Roberto, orgulho e encanto de seus paes.

QUINZE MIL VOZES INFANTIS SONORIZANDO UMA TARDE CIVICA.

O stadio do Fluminense Football Club vibrou, segunda-feira á tarde, ao rythmo festivo de quinze mil vozes infantis, que derramaram, na grande praça de sports da rua Alvaro Chaves, o civismo sonoro de varios hymnos patrioticos ensaiados sob a direcção do maestro Villa Lobos, cuja batuta commandou o batalhão de harmonias que desfilou na tarde côr de cinza. O espectaculo foi sumptuoso e empolgante, tendo ao mesmo comparecido o chefe do governo provisorio e outras altas autoridades civis e militares. Esta pagina focaliza tres aspectos da brilhante demonstração de canto orpheonico que constituiu o grande acontecimento escolar de segunda-feira, commemorativo da data de 24 de outubro.

Rendas de espuma

A professora Nicia Silva, cathedratica do Instituto Nacional de Musica e prestigiosa figura dos nossos circulos musicaes, fará hoje, no salão do mesmo Instituto, a apresentação das alumnas do seu curso de aperfeiçoamento de canto, promettendo uma linda festa de arte á nossa sociedade.

Uma flôr que tomba

"POVERO FIORE"!

E eu repito: pobre "Povero fiore"! Poucos saberão que, por traz desse pseudonymo floral e cantante, uma alma doce e gentil se escondia com uma especie de pudor de ser triste.

Era essa, pelo menos, a impressão que ella me causava, toda vez que me escrevia cartinhas "côr de ouro" — sempre cor de ouro — como demonstração de um innocente capricho de mulher.

Nunca me foi dado conhecer "Povero fiore".

Sabia, entretanto, que era uma creatura triste, talvez uma *povero fiorellin*, como aquella de Lourenzo Stecchetti.

Quanto ao mais, accentúo que era um espirito fascinante.

Transfundida nas suas missivas literarias, com as suas delicadezas emotivas, deixava, quasi sempre, o leitor numa perplexidade.

Com effeito. Será que nellas brilhava o seu perfume — o perfume do seu espirito — ou era a sua irradiação que cheirava?

Nunca pude descobrir a imperiosa razão porque, sendo "Povero fiore" uma leitora minha, — exaltada — sempre timbrára em conservar, intacto, o seu incógnito. Por que?

Muitas fôram as manifestações de sympathia que me testemunhou, naquelle simples caracter. Ora, as traduzia em presentes preciosos e amaveis; ora, em palavras amigas e sinceras — sobretudo sinceras — por virem de uma desconhecida, que se mantinha á distancia.

Confesso que eu queria um grande bem a essa "Povero fiore", — de quem só conhecia os bellos primores do espirito.

Pois não é que "Povero fiore" morreu — como qualquer flôr de jardim? E só, agora, soube, por um telephonema, que era uma figura da *élite* carioca.

Morreu em outubro, "o mez nevoento dos tysicos e das rosas"...

E, por falar em rosas — eu me recordo das de Saadi — aquel-

(*Conc. na pag. seguinte*)

Senhorita Margaridinha de Sá, filha do dr. Lourenço de Sá Filho, e galante figurinha da nossa sociedade.

Para receber a visita do sr. ministro José Americo de Almeida, o Congresso dos Centros Estaduaes realizou sexta-feira penultima, na sua séde da rua do Ouvidor, uma sessão especial, sob a presidencia do coronel Júlio Gaerter, presidente do Centro Paranaense. O titular da pasta da Viação foi saudado, em brilhante discurso, pelo dr. Mario Bulhão, director do Centro Cearense.

las que se desataram da cintura da musa do poeta e foram atiradas ao mar, pelo despeito do vento.

A moça, nada mais tendo para o amante, pediu-lhe que lhe aspirasse a blusa branca de sêda — justamente no ponto onde as flores haviam permanecido, alguns minutos.

Nada podendo fazer, eu — á maneira da musa persa — me limito a pedir a "Povero fiore" que receba, lá do mundo azul dos anjos e das estrellas, a tristeza fria de uma lagrima, e o perfume indolente de uma saudade.

Oh, minha "Povero fiore"! Que durmas, tranquilla, aos pés bemditos do Senhor — pela grande somma de bondade e belleza, que havia na tua alma de moça!

YVES

Tendo o actual ministro da Educação concedido ao Curso Freycinet a vantagem da inspecção preliminar, que este instituto de ensino ha tempo vinha pleiteando, os alumnos do referido educandario, tributaram, na semana passada, expressiva manifestação de apreço ao dr. Washington Pires, illustre titular daquella pasta. Incorporados, compareceram á séde do Ministerio da Educação e Saúde Publica, onde se fizeram ouvir diversos oradores, entre os quaes os drs. Agricola Bethlem e Ricardo Rodrigues Vieira, inspector federal de ensino junto áquelle estabelecimento, tendo respondido, agradecendo, o dr. Washington Pires, que se vê, na gravura acima, cercado de membros da directoria e alumnos do Curso Freycinet.

O jornalista e escriptor dr. Hamilton Barata realizando, na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, uma conferencia sobre o thema: «Avançar. Para a Civilização, para a grandeza», com a qual iniciou, nas nossas escolas secundarias e superiores, sob o patrocinio do Club da Reforma daquelle estabelecimento de ensino, a propaganda dos ideaes nacionalistas da «Acção Brasileira».

No Grupo Escolar Affonso Penna, durante a reunião do Circulo de Paes e Professores para explicação aos paes dos alumnos, do ensino do canto orpheonico nas escolas primarias, conforme solicitou o maestro Villa-Lobos. Foi oradora a sra. d. Ermelinda de Carvalho Ramos. E' directora do Grupo Escolar Affonso Penna a sra. d. Edmila de Barros. O Circulo de Paes e Professores daquelle estabelecimento escolar tem como presidente o sr. José Pinto de Albuquerque, e, como secretaria e thesoureira, respectivamente, d. Maria Ravasco e d. Risoleta Brandão de Andrade.

O sr. William Gregory, gerente geral da «The Rio de Janeiro Flour Mills & Granaries Ltd.» (Moinho Inglez), ao lado de sua exma. senhora e cercado de parentes e amigos que foram receber o distincto casal, a bordo do «Alcantara», por occasião de sua chegada, domingo ultimo, a esta capital, de regresso da Europa.

A 2.ª Companhia do 29.º B. C., commandada pelo tenente José Leite Brasil, que ahi se vê ao lado do tenente Jonathas, seu auxiliar, quando entrava na cidade de Itapira.

PALAVRAS OPPORTUNAS

Não pude nunca comprehender um paraíso social que só se realizasse pelo anniquilamento, pela desapparição do indivíduo no pantheismo do Estado. Não pude nunca comprehender o antagonismo que se tem procurado estabelecer entre o capital e o trabalho, entre burguezia e proletariado. O capital é o trabalho economizado e reproductor do trabalho. A burguezia é a economia em figura humana. Que pôde a utopia dum homem ou duma escola contra o socialismo invulnerável duma sociedade? Esta traz em si própria uma lei natural que cumpre mysteriosamente através da história. Ella caminha para seu destino com uma marcha tão regular quanto a do universo sobre nossas cabeças e não se pôde quebrar essa harmonia como não se pôde perturbar no espaço a lei da attracção.

PELLETAN

O capitão Olydio Gomes Barbosa, commandante do 3º Regimento de Infantaria, ao lado do tenente Osmar Fonseca, sub-commandante, e em companhia dos officiaes de seu Estado Maior, por occasião da visita de jornalistas cariocas ao quartel daquella unidade do Exercito, na praia Vermelha.

Laura via-se cercada de admiradores.

A mulher do quarto N.º 13

Da Fox,

com

Elissa Landi

Ralph Bellamy

Neil Hamilton

&

VER ENREDO NA PAG. 46.)

Laura não ficára tranquilla.

O cantor estava aborrecido da antiga amante.

Ninguem perturbaria mais aquella felicidade.

O primeiro ministro fazia serias reprehensões á princeza.

«ALTEZA, A'S SUAS ORDENS!»

DA UFA — (PROGRAMMA ART.)

com Lilian Harvey e Willy Fritsch

TODAS as noites, no "grand bal musette" é um vae-vem ininterrupto de *chauffeurs*, cocheiros, cozinheiros, creados domesticos, dactylographas, costureiras, ao rythmo da musica animada de fanfarra, agrupando-se, dançando, bebendo...

De hora em hora, o baile interrompe-se por dez minutos para a orchestra descansar.

— Bebamos á nossa fraternidade — propõe Carlos, um elegante *valet de chambre*, a Mizzi, seu par-constante daquella noite.

— Mas quem é você? — indaga ella.

Pergunta embaraçosa! Que deve responder?

— Eu sou *garçon* de mercearia nos armazens Dupuis...

E Mizzi, já fascinada pelo rapazola, no turbilhão da festa, confessa ser *manicure* no grande salão do Figaro.

— *Changement des dames!* — ordena o mestre-sala.

Carlos, muito contra-vontade, tem de submetter-se ao commando. Por sua vez, Mizzi aproveita o ensejo para fugir. Esquivando-se pelo vestiario põe o seu "manteau" e chapéo, sahindo. Toma

Livres do protocolo.

o primeiro carro, ordenando ao cocheiro, espantado, que toque para o palacio real...

Indignado com o malogro do seu "flirt", Carlos retira-se, guardando o bilhete vago que ella deixou, emquanto Mizzi desce do carro e se encaminha para o castello.

— Quem vem lá? — grita, da escuridão, a sentinella.

— Maria Christina! — responde Mizzi, em vóz baixa.

Surprezo, o guarda brada o signal de "ás armas", e a tropa posta-se, em posição de sentido, acordando, com o rufo dos tambôres, o primeiro ministro. Extremunhado, elle chama Pipac, o detective da côrte, que está incumbido de vigiar a princeza e lhe conta a leviandade daquella noite, por ella praticada. Surge, ahi, uma discussão entre o primeiro ministro e a princeza, que se recusa a acceitar o noivado imposto do duque de Leuchtenburg, confessando a sua paixão pelo empre-

gado de mercearia com quem dançou. O primeiro ministro, a principio, mostra-se indignado e ameaça a princeza, mas esta não liga muito ao perigo que o velho lhe desenha.

Na manhã seguinte, pela vez primeira, o joven tenente Von Berck vae render a tropa ao serviço da princeza, com o seu esquadrão do Regimento Real. Casualmente, ella assiste, da sua janella ao movimento da tropa e enthusiasma-se com o garbo do official, nelle reconhecendo do seu "flirt" da vespera. Deduz, então, que o tenente Von Berck lançou mão do mesmo recurso que ella havia

E tava descoberto o disfarce.

A falsa «manicure» e o falso «caixeiro».

Naquella noite, os dois namorados divertem-se, patinando num centro publico e escapando á objectiva desastrada do detective Pipac. Mas, por ter chegado tarde ao quartel, na manhã seguinte, o capitão é novamente reprehendido pelo seu commandante. Tanto bastou para a princeza, testemunhando a censura, o fazer promover de novo. Já então Pipac orientou o ministro que o commandante não é outro sinão o plebeu. E o ministro sagaz pensa logo em separál-os. Mas está annunciada para a mesma noite uma festa official, em palacio, onde

(Contd. na pag. 47).

usado, disfarçando-se, e ainda mais lhe fica querendo, só por isso...

Surprehende-se tambem vendo que o capitão da tropa faz uma censura publica, ao seu "merceeiro" e desde logo ordena que elle seja promovido a capitão. Nesse meio-tempo, o primeiro ministro incumbiu o detective Pipac de colher um instantaneo photographico do individuo que anda seduzindo a princeza. E, para desviar, desta, as attenções do plebeu, pensa em aproximál-a do já agora capitão Von Berck, emquanto o seu noivo official não chega. Elle ignora que ambos, capitão e plebeu, são uma só pessôa...

No palacio, acabava-se a familiaridade.

Escriptores e livros

Octavio Teles de Freitas — CRÓNICAS — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 6$

POLEMISTA vibrante, Octavio de Freitas, desapparecido aos 35 annos de idade, deixou na imprensa do Rio Grande fortes traços da sua personalidade.

Fernando Caldas, outro jornalista vigoroso, encarregou-se de reunir algumas paginas do companheiro morto, para que ellas tivessem vida mais duradoira.

Eis o livro, cuja leitura, apesar da falta de unidade dos trabalhos apresentados, desperta interesse.

Alcibiades Delamare — ... NA VÓZ DA HISTORIA — Liv. Galdino — Bahia — 1932

ESCRIPTOR conhecido pelas suas idéas nacionalistas, com este livro o sr. Alcibiades Delamare inscreve-se nas fileiras dos combatentes do *tezerenismo* focalizando a figura do tyranno Francisco Solano Lopez, para estudal-a á luz de farta documentação historica, concluindo pela rehabilitação das glorias da nossa diplomacia e dos feitos das armas do Exercito Imperial. Consultando a copiosa bibliographia sobre a materia, que se encontra no livro, verifica-se que o autor teve o proposito honesto de fazer obra sã, isenta de odio e juizos falsos. Assim, o sr. Alcibiades Delamare conseguiu escrever um livro útil, cuja finalidade cabe ao publico distinguir com o devido apreço.

Gomes Netto — A VIDA ETERNA — Editora A. R. S. — Rio — 1932

GOMES NETTO publica um volume de contos, genero da prosa que a todos seduz, mas ingrato, principalmente para estreantes. O autor do livro que acabamos de lêr é um rapaz de talento, dotado de rica imaginação. Por isso mesmo, escreve com facilidade, excedendo-se por vezes na medida dos periodos. Necessita, porém, condensar as idéas, ser menos prolixo, mais elegante na apresentação dos trabalhos. Uma questão apenas de paciencia.

Pondo de parte a rethorica, escrevendo com simplicidade, Gomes Netto alcançará maior successo para a sua prosa.

Leopoldo Nunes — O DITADOR DAS FINANÇAS — Lisboa — 7$

O *ditador* de que trata o livro é o sr. Oliveira Salazar, ministro das Finanças de Portugal. Parece que por lá, quando o general Carmona tomou conta do pôder, a situação do Thesouro era mui semelhante á de um paiz nosso conhecido... Porém, foi encontrado um homem providencial para pôr ordem nas finanças.

O sr. Leopoldo Nunes é um curioso espirito de jornalista.

Tem as suas manias; é preciso respeital-as. Sem ser um technico em finanças e economia, estuda os relatorios *officiaes*, e depois discute a obra do Estado, fazendo o elogio da *ditadura*.

E, por cautéla, o autor avisa que está hoje mais pobre do que ha dois annos, quando publicou o livro *A Ditadura Militar*, exaltando a obra de Carmona.

O aviso era desnecessario quando se sabe que, em Portugal, presentemente, não ha cargos publicos nem subsidios, segundo o autor.

G. Meirs e S. N. Darros — O CADAVER ASSASSINO — Editora S. I. P. — S. Paulo — 1932 — 2$

APESAR da extravagancia do titulo, a leitura deste volume desperta o maior interesse. Trata-se de uma novella, genero policial, plena de lances mysteriosos. E' o terceiro volume da *Collecção Economica*.

A. E. W. Mason — AS QUATRO PENNAS — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

ESTE apreciado novellista inglez apparece pela primeira vez na *Collecção Para Todos*, com uma obra movimentada, das melhores que conhecemos no genero de aventuras.

P. C. Wren — BEAU IDEAL — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

MARIO SETTE traduziu, para a *Collecção Para Todos*, este interessante livro do autor de *Beau sabreur*, que foram acolhidos com viva curiosidade pelo publico. Trata-se de obra do mesmo genero, bem urdida, bem lançada.

Mario Poppe

O MORTO

(MELODRAMA EM 2 ACTOS)

POR CAMI

ACTO PRIMEIRO

A scena representa um terreno isolado.

O BARÃO DE CRAC. — Neste terreno afastado espero o cavalheiro, primeiro camarista de Luiz XV. Vamos ajustar umas contas de amor com um duelo de morte. Aqui está elle.

O CAVALHEIRO. — Desembainhemos, barão! (*Os dois adversarios chocam seus aços com tanta violencia, que as folhas das espadas saltam em mil pedaços. Os combatentes só têm nas mãos os punhos de suas espadas*). Maldição! Não podemos continuar nosso duelo de morte com as empunhaduras de nossas armas.

O BARÃO DE CRAC. — Isso não é obstaculo. Occorre-me uma idéa que nos vae permittir continuar combatendo mesmo sem folhas.

O CAVALHEIRO. — Sem folhas? Impossivel!

O BARÃO DE CRAC. — Entre gente de honra tudo se póde resolver. Recomecemos o duelo como si nossas espadas não se houvessem quebrado.

O CAVALHEIRO. — Não comprehendo.

O BARÃO DE CRAC. — E' muito simples. Fiquemos em guarda com nossas empunhaduras e, si, por exemplo, vos tocar no coração com minha empunhadura, vos considerarei morto.

O CAVALHEIRO. — Mas nem por isso deixarei de estar vivo!

O BARÃO DE CRAC. — Sim. Mas vamos nos comprometter por nossa honra como aquelle de nós que fôr tocado no coração se considerará cadaver e fará com que o enterrem no mesmo dia.

O CAVALHEIRO. — Enterrado vivo?

O BARÃO DE CRAC. — Não. Aquelle que fôr attingido mortalmente deverá suicidar-se como lhe pareça. Mas deverá desapparecer da superficie do globo no prazo de vinte e quatro horas, como si effectivamente houvesse morrido no duelo.

O CAVALHEIRO. — Combinado! Palavra de cavalheiro! (*Os dois se põem em guarda*).

O BARÃO de CRAC (*lançando-se a fundo e tocando com sua empunhadura a garganta de seu adversario*). — Creio que estaes gravemente ferido.

O CAVALHEIRO. — Pois eu amarro este lenço ao pescoço como o faria para conter o sangue, si vossa folha me houvesse atravessado de verdade a garganta. Prompto. Em guarda! (*Atira-se a fundo e toca com a empunhadura o braço direito do barão de Crac*). Eu vos teria atravessado o braço, barão.

O BARÃO DE CRAC. — Com effeito. (*Por sua vez, amarra o lenço em torno do braço e esgryme a empunhadura com a mão esquerda*).

O CAVALHEIRO. — Troca de mão?

O BARÃO DE CRAC. — E' claro! Eu tambem sou um homem de honra. Si vossa folha me houvesse atravessado realmente o braço direito, eu teria que esgrimir a arma com a mão esquerda. Prosigamos.

(*Continúa o duelo. De repente, o cavalheiro se atira a fundo e sua empunhadura toca o barão sobre o coração*).

O CAVALHEIRO. — Já não ha duvida: si minha empunhadura tivesse folha, a estas horas estarieis extendido no chão, feito um trapo.

O BARÃO DE CRAC (*muito pallido*). — Reconheço que sou um morto.

O CAVALHEIRO. — Só vos resta cumprir vossa palavra como homem de honra. Tendes vinte e quatro horas para tratar de vosso enterro.

O BARÃO DE CRAC. — Considero-me defuncto. Esta tarde, terminarei alguns negocios e depois ficarei á disposição do... cemiterio.

O CAVALHEIRO (*descobrindo-se respeitosamente*). — Cavalheiro, saúdo o vosso cadaver!

ACTO SEGUNDO

A scena representa uma hospedaria, oito dias depois.

O CAVALHEIRO (*entrando na hospedaria e vendo, sentado a uma mesa, comendo opiparamente, o barão de Crac*). — Maldição! E' assim que cumpris vossa palavra de honra? Não devieis ter sido enterrado na tarde de nosso duelo?

O BARÃO DE CRAC (*com attitude de cadaver*). — E' claro que sim, e cumpri minha palavra.

O CAVALHEIRO. — Como? Sereis capaz de sustentar que morrestes e que vos enterraram, quando estaes comendo e bebendo como sete vivos?

O BARÃO DE CRAC. — Eu sou meu espectro desgraçado! Paz aos mortos! (*Bebe um copo de vinho, de um trago*).

(*O cavalheiro se persigna e sae precipitadamente*).

COUSAS DO CORAÇÃO

E' na praia sem fim e branca da saudade
Que o coração se curva á magoa que lhe invade
E começa a lembrar...
E, como o vulto esguio e pallido de um monge
Levanta o olhar e vê tudo longe, tão longe,
A gemer e a chorar.

Ali, é um lenço branco a lhe acenar, distante...
Mais alem, é o perfil de angelico semblante
Implorando-lhe: — Vem!
E num delirio vão de quem jamais alcança
Sente a vida parar suspensa na lembrança
Das lagrimas de alguem...

Tudo se lhe apresenta aos olhos taciturno
Como a melancolia eterna de um nocturno,
Feito desolução...
Tudo tem no anhelar de glorias nas porfias
A nómade ambição das velas fugidias,
Das velas que se vão...

E' noite hybernal sem fim do desconforto
Que o coração se sente um coração de morto
Na eterea gelidez...
E, como o hediondo piar de uma coruja alada,
Escuta da descrença a ironica risada
Pela primeira vez.

O mar — o velho mar — na syncope das aguas,
No brado mais feroz das reconditas magoas,
Imita-o no bramir;
E a lua a disfarçar nos seus beijos de prata
A lyrica saudade immensa que o maltrata,
Imita-o no sorrir...

E' na praia sem fim e branca da saudade
Que o coração revê o amor da mocidade
Num esquife passar;
E, cabeça entre as mãos, num lyrico abandono,
Sente a alma adormecer aos afagos do somno
E começa a sonhar.

Depois... voltando a si desse delirio vago,
Vê na terra um rosal e vê no mar um lago
Em sombras outomnaes.
E tudo como um céo vae contemplando e vendo,
E bate mais de leve, e vae adormecendo...
E não acorda mais...

MARIO BARRETO

A MULHER DO QUARTO NUMERO 13

JOHN BRUCE, homem proeminente nos meios da politica, acha-se quasi em vesperas de sua victoria para o cargo de governador. Mas, precisamente nesse momento delicado da sua vida politica, surge um escandalo domestico. Sua esposa, Laura, exasperada com as aventuras amorosas de seu marido resolve requerer o divorcio. Debalde John Bruce tenta dissuadir a esposa desse intento. Nada consegue, e o lamentavel acontecimento destróe para sempre a carreira politica de Bruce, que jura vingar-se.

Laura volta a casar-se. O seu novo marido, Paul Ramsey, é o seu ideal. E' completa a sua felicidade; até que no caminho da sua vida se lhe depara, entre o trabalho de compositora famosa que ella era, o cantor Victor Legrand, que se encontra enfastiado da sua amante, Sari Lodar, e se apaixona por Laura, o que leva ao desespero a amante do cantor. O pae de Ramsey, sabendo do que se murmura sobre as relações da nora com o cantor, avisa o filho, que se ri das suas suspeitas. Mas o pae convencido como estava, põe em campo uma agencia de dectetives para obter informações seguras. O chefe dessa agencia é precisamente o ex-marido de Laura, que se dispõe a vigiar com actividade a conducta de sua ingrata mulher.

O marido de Laura parte para Duluth na noite em que Legrand deve apresentar em publico a ultima composição de Laura. Para celebrar tão notavel acontecimento artistico, Legrand resolve offerecer a Laura uma ceia em seus principescos aposentos. John Bruce, conhecedor do facto, consegue installar varios microphones nos aposentos de Legrand, contractando uma estenographa para testemunha da traição. Ao mesmo tempo, avisa, por telegramma, o marido de Laura para que regresse immediatamente. Depois do concerto, Laura dirige-se para os aposentos de Legrand, convencida de que alli encontrará mais convidados; mas a antiga amante do cantor chega a tempo de a avisar da traição de que ella vae ser victima, e Laura regressa a sua casa, emquanto a amante de Legrand penetra nos aposentos do cantor, que tudo esperava menos aquella visita.

No pavimento inferior, John Bruce e o marido de Laura aguardam os acontecimentos. Escutam uma discussão entre amantes, em que uma mulher faz as mais ardentes promessas de amor. Paul Ramsey, desesperado, julgando tratar-se de sua mulher, sóbe apressadamente as escadas e entra nos aposentos do cantor, precisamente quando se ouve o disparo de uma pistola. Penetra no quarto e se lhe depara Legrand morto. Julgando que a criminosa, que se havia escapado, era sua mulher, declara-se ás autoridades o autor do crime. Sari Lodar conseguira fugir auxiliada por John Bruce.

Ramsey, julgando proteger sua esposa, confessa e jura que matou Legrand. Ella, porém, que o quer salvar, convencida tambem de que foi elle o assassino, affirma á justiça que foi ella quem matou. A justiça não se convenceu da innocencia de Ramsey. Condemnou-o.

Laura é agora pianista em um café de segunda ordem em Nova-York.

Mas a consciencia de Sary Lodar não a deixa tranquilla. Confessa á Laura o seu crime por meio de uma carta. Laura corre a mostrar a carta a seu marido. Ramsey, depois, procura John Bruce, com quem finge querer reconciliar-se. Assim, delle obtém uma confissão de sua cumplicidade. Em seguida, o entrega á justiça, que lhe dá o castigo merecido, ao mesmo tempo que Ramsey e Laura voltam ao seu lar e á sua felicidade.

ENCONTRO

Passou. Foi um amôr que tivemos outr'ora,

com clarezas de céo e fulgores de aurora.

Foi o primeiro, o unico, o amôr verdadeiro,

Bello como o luar das noites de janeiro.

Foi meu viver, foi o meu céo, foi o meu tudo...

Si tinha ás vezes asperezas e maldade,

tinha, ás vezes, caricias de velludo.

Mas já passou... Morreu... Hoje é a saudade...

Hontem, por um acaso, encontrei-te na rua.

Eu não era bem meu, tu não eras bem tua.

Qualquer coisa senti, qualquer coisa sentias...

Vagas recordações... bem vagas... fugidias...

E foi só. Nem um gesto, uma phrase, um carinho!

E cada um seguiu por seu caminho!

OSWALDO GOUVÊA

ESPLENDOR DE CLEOPATRA

A BASTOS PORTELA

Sobre as aguas do Nilo uma gondola boia

E sentada na ré, toda orgulho infinito,

Indifferente segue a feminina joia,

Cleopatra, a rainha intrepida do Egypto.

Ao seu lado um escravo ao negro braço apoia

Um pallio a immunisar-lhe a luz do sol bemdito,

E ella, arrogante, é mais que Helena presa em Troia

E de que Catharina, o urso slavo maldito.

Deusa de tentação, mulher intemerata,

Resplandescente de ouro, ambar, perfume e prata,

Expõe os braços nús a lubricos desejos...

E emquanto góza a brisa esplendida do Nilo,

A rainha do Egypto a arfar traz intranquillo

O masculino peito ansioso por seus beijos!...

HERNANI RAMIREZ

«ALTEZA, ÁS SUAS ORDENS!»

(CONCLUSÃO)

a princeza será apresentada ao duque de Leuchtenburg. Este, porém é um papalvo, só interessado em mulheres de pharaós que viveram ha milhares de annos, pouco se importando com a princeza. Pratica, em meio do salão, seguidas "gaffes", não sabendo, siquer, dançar a valsa de honra, sendo substituido por Berck, que compareceu em traje de tenente, pois já descobriu o "truc" da princeza. A principio, mostra-se zangado, mas as labias de Maria Crystina, ou melhor, da manicura Mizzi, tudo conseguem. E as pazes são feitas, logo seguidas do matrimonio, com a devida approvação de sua majestade o rei, que só então se dá a conhecer: era um garoto de oito ou dez annos, a quem toda a côrte rendia homenagens e respeitava, receiando a sua ira e o poder de majestade suprema...

Emquanto isso, o duque de Leuchtenburg, sempre apaixonado por uma dama dos pharaós existente no anno 375 antes de Christo, mãe de cincoenta e seis filhos, resolve voltar aos seus estudos scientificos, procurando mumias maiores que elle proprio...

AO PE' DA LETRA — ... e tenha como certo (as estatisticas assim o affirmam) que toda vez que você respira, morre um homem sobre a terra.
— Sinto muito, professor; mas, si eu deixar de respirar, o morto serei eu!

O VAGABUNDO

HONTEM, á beira-mar, conheci um vagabundo que veraneia nas proximidades de uma praia da moda, em um logar solitario, e passa a vida olhando o infinito... e coçando-se.

Eu sempre tive pelos vagabundos uma vivissima admiração. E por isso não gosto muito que os escriptores superficiaes os chamem de *philosophos*, os considerem felizes, e que se faça a proposito delles tanta literatura barata. Não: elles não são philosophos nem são felizes. Não são nada, absolutamente nada. E é precisamente isso o que eu admiro nos vagabundos.

Esse que conheci aqui, de barbas hirsutas, andrajoso e sujo, eu o encontrei hontem e hoje no mesmo logar. Fizemo-nos grandes amigos. Não nos cumprimentamos. Creio que me olhou uma só vez. De soslaio. E bastou-lhe, porque não tornou a olhar-me.

Dou-lhe cigarros. Elle os fuma com toda naturalidade, e não mos agradece. Creio que nos entendemos muito bem, porque falamos muito pouco: alguns monosyllabos, apenas. A's vezes, nem isso... Dahi nossa mutua comprehensão, nossa commum sympathia. No fundo, estou certo de que nos estimamos. Elle ignora em absoluto quem sou eu. E isso muito me favorece. Porque, tendo — como tem — absoluta liberdade para pensar de mim o que bem entender, póde imaginar-me a seu gosto e vontade. Talvez me julgue da policia... Talvez não julgue nada, o que é mais provavel. Perguntei-lhe algumas coisas e, invariavelmente, me respondeu encolhendo os hombros. Muito bem! Isso demonstra que no fundamental estamos de accôrdo.

Que problema é esse do vagabundo! Porque estou convencido de que esse homem nem é philosopho nem coisa parecida. Que é, então, um vagabundo? Ora... quasi nada. *Quasi* nada, porque o que o distingue do *nada absoluto* é que os vagabundos são cadáveres que se esqueceram de uma coisa: esqueceram-se que deviam estar mortos.

Parece um detalhe, mas a omissão tem muita importancia. Pois o singular do vagabundo, o que intriga a todo mundo — mesmo quando todo mundo não saiba muito bem o motivo de sua curiosidade — é isto: por que vive o vagabundo? Que interesse tem elle em continuar vegetando? Ora, vive porque se esqueceu de suicidar-se. Talvez um dia repare o esquecimento. Talvez um dia dê uma palmada na fronte, e se lance de cabeça a esse mar que ruge a seus pés. Ou não se lembrará de nada, e morrerá estupidamente de velho ou de doente. E lamentando deixar a vida, esta vida tão linda... Vive pela rotina, como os animaes, que tambem não pensam em suicidar-se. Eis tudo.

Mas ainda ha mais. Diz-se por ahi — e pensa-se — que o vagabundo é feliz porque não trabalha. Erro! Erro profundo! O vagabundo é um infeliz que trabalha como todo mundo. Sendo — como é — um typo rotineiro sem consciencia de sua liberdade nem de sua situação excepcional — trabalha pela mesma razão por que vive: pela rotina.

Perto daquella praia chic existe um typo que cria pombos. E é de ver o trabalho que tem para isso! Nos antigos quadrados do porto conheci outro que se dedicava a criar cachorros. Recolhia todo cão sarnento que encontrava em suas habituaes *excursões*, levava-o para seu tugurio de latas, e alli procurava curál-o. E os bichos, agradecidos, iam ficando com elle, que, muito bem, tinha logo que attender á manutenção de quarenta ou cincoenta cachorros curados, sãos e com um apetite maravilhoso...

Um amigo meu acreditava na felicidade e na philosophia dos vagabundos. Suppunha que seu estado era o perfeito, o ideal. E um dia me manifestou seu decidido proposito de ingressar no gremio. Como era capaz de fazêl-o, procurei dissuadil-o.

Não me fazia caso. Afinal, dei com o argumento decisivo: meu amigo era myope.

— Para ser vagabundo — disse-lhe — é preciso ter, além de uma saúde excellente, optima vista. Conheceste alguma vez um vagabundo com oculos?

Meu amigo convenceu-se. E um mez depois dava um tiro na cabeça. Preferiu ir vagabundar nos espaços sideraes...

F. Ortiga Anckermann

A vingança macabra

De Wharton

O detective Lamson estava convencido de que suas relações com o seu collega de escriptorio iam de mal a peor. Ou por antipathia instinctiva, ou por zelos profissionaes, o certo é que o tal Stevens exgottára nelle toda a tolerancia possivel, razão pela qual esperava que de um dia para outro estourasse a sua animosidade contra esse petulante — a seus olhos, camarada e rival de investigações policiaes.

Naquella manhã, ao substituil-o pela decima quinta vez no posto de guarda, trocada, como de costume, nas primeiras horas do dia, nem siquer saudára Stevens com o *"Ha alguma novidade?"* do ritual, indo ao contrario, parar defronte da janella do aposento que deitava para a rua, cheia de fumaça e de neve a essa hora.

Stevens, que evidentemente não se deu por achado ante a entrada tão pouco cordial do companheiro, preparára já no quarto tudo quanto era necessario para que se rendesse a guarda sem difficuldade. Guardou no bolso o pequenino livro que estava lendo, lançou um olhar indifferente para o lado de Lamson, sempre de costas, e accendeu com lentidão o cachimbo.

Mas, em seguida, resolvendo-se seguramente a voltar, retirou do bolso o livro e depositou-o sobre uma cadeira.

— Póde lançar-lhe uma vista d'olhos — disse. — Ha uma série de coisas interessantes.

Mas Lamson não se dignou responder nem com um movimento de hombros. Stevens, decidido a não alterar-se, pelo que se via, pôz um gorro de limpeza muito duvidosa á cabeça, levantou a golla do casaco, suja do mesmo modo, e dirigiu-se para casa no firme proposito de descansar. Tinha tempo bastante até cinco horas.

Lamson não se moveu do seu lugar, entretido apparentemente em observar o espectaculo da rua que despertava ao labor quotidiano. Afinal, como pondo termo aos pensamentos que lhe borbulhavam no cerebro, exclamou, com u'a má vontade concentrada:

— Imbecil! Quererá, por acaso, condemnar-me a morrer de tedio nesta casa?

QUANDO lhe ordenaram por fim ao assumpto do Jardim Burden e auxiliar Stevens a procurar Yucatán Tonio, a contrariedade de Lamson não encontrou limites. Pôl-o quasi ás ordens do odiado inimigo! E ainda mais quando este tratava de resuscitar sem nenhuma razão plausivel o caso relativo ao tal Yucatán, uma pessôa que, na sua opinião, carecia de toda especie de interesse para a policia! No intimo, revoltava-se uma vez mais contra a cegueira dos seus superiores, que não sabiam discernir a importancia dos personagens com quem deviam tratar.

Segundo se terá adivinhado já, Lamson era um homem com uma alta idéa de si mesmo; unia á sua juventude uma vehemencia pouco commum e uma absoluta confiança em suas habilidades de pesquiza. Bastava, por isso, dar-lhe um conselho sobre a materia, ou suggeril-o simplesmente, para feril-o em seus mais caros sentimentos.

Todos pareciam comprazer-se em pôr obstaculos a seu accesso profissional. Agora, que se lhe apresentava uma verdadeira opportunidade de demonstrar seus relevantes meritos, depois de dezoito mezes passados obscuramente ao serviço da Secção de Investigações, o bruto do Stevens se lhe atravessava no caminho para fazel-o abandonar o interessantissimo assumpto do Jardim Burden, tão promissor, e que o assignalaria, a elle, o ignorado agente da secção, á consideração definitiva dos superiores. Mas a sorte ingrata empenhava-se em perseguil-o. Si Stevens não acreditasse ter visto Yucatán Tonio em Waterloo Road — era o que ia vêr! — elle poderia levar adeante as investigações iniciadas já acerca do caso do Jardim, sob a vigilancia immediata dos chefes, que, desse modo, apreciariam devidamente seu trabalho admiravel...

— Muito bem, Lamson! — haviam dito já os superiores.

Mas eis ahi que chega, pouco depois, o sargento Weston, para dizer-lhe, emquanto lhe entregava um embrulho de roupas immundas:

— Vista-as e vá ao encontro do detective Stevens, na rua Lymposs 37, quarto andar, á direita. Lá elle lhe dará as instrucções necessarias.

Lamson vestira-se rapidamente com aquelles andrajos, mas durante todo o trajecto até chegar á rua Lymposs amaldiçoára Stevens. Instrucções de Stevens!

Apenas iniciado no serviço de investigações, Lamson notou — como não o fazer com um espirito perspicaz como o seu? — que a generalidade das pessôas que trabalhavam na secção era justamente o contrario do que considerava — perfeição. Para onde quer que voltasse os olhos, via defeitos que jamais copiaria, com a graça de Deus! Stevens, classificára, era um velho fossil, mediocre, de intelligencia escassamente cultivada, que si, ás vezes, obtinha alguns exitos, eram devidos, unicamente, á sua perseverança, pela obstinação, e, em parte, por um pouquinho de sorte que o acompanhava invariavelmente em toda a empreza emprehendida... Si a desillusão tinha sido amarga, relativamente ao caso do Jardim Burden, mais amarga lhe era a ordem de receber instrucções de Stevens, o teimoso pobre diabo que lhe coubéra por companheiro.

O assumpto do Jardim era desses que fazem época em qualquer parte: um principe, um duque, uma reunião de mulheres a dançar num salão matizado de festas alegres... e, em seguida, como desfecho digno do quadro, um crime provocando a mais intensa espectativa em todo o paiz. Lamson começára a trabalhar para descobrir o mysterio que rodeava o assassinato ao lado do maior investigador da secção, o sargento Whatley. E recordava de novo a phrase de approvação deste: "Muito bem, Lamson, muito bem!"

Até lhe prometteram ficar sosinho no proseguimento das pesquizas!

Foi, então, que sobreveiu a catastrophe: Stevens e o seu maldito Yucátan Tonio. Lamson, emquanto montava guarda no quarto andar de Lymposs Street, mordia os labios com incontida colera. Não tinha, afinal, mais nada a fazer do que consolar-se da morte de uma de suas mais caras illusões dos ultimos tempos... e con-

(Continúa na pag. seguinte)

tinuar a vigilancia como nos dias anteriores.

Yucatán Tonio era um bailarino de terceira classe. Trabalhava com uma companheira, Yucatán Tonia linda morena de olhos ternos — a melhor do duo. Por um par de annos, o casal Yucatán apparecêra com pequenos intervallos, nos mil e um tabladozinhos dos *music-halls* baratos e tabernas enfumaçadas do *bas-fond* londrino. Tiveram sua época de successo, mas logo depois a estrella de ambos declinára rapidamente. A vida do casal passára despercebida a todos, porque nada aconteceu propriamente que pudesse chamar a attenção sobre elles. Quando se deu a morte de Yucatán Tonia, os dois tinham descido tanto, que, dado o ambiente em que viviam, era licito pensar em coisa peor.

Uma tarde, foi encontrado o cadaver de Tonia num quarto immundo de uma casa situada em certa rua proxima de Tottenham Court-Road, quarto que haviam alugado poucas semanas antes. O cadaver alli permaneceu por espaço de dois dias, conforme as informações proporcionadas pelo sargento da secção. A morte produzira-se em consequencia de um golpe terrivel no estomago. Quanto a Yucatán Tonio, não foi encontrado em parte alguma. A dona da pensão e os vizinhos julgaram prudente ignorar os assumptos intimos dos inquilinos, ao menos pelo momento. Comtudo, chegou-se a saber, pelas declarações de algumas mulheres, que, noites antes da descoberta do cadaver da pobre Tonia, dois homens tinham voltado com ella altas horas da noite. Depois de uma breve pesquiza, a policia averiguou quem eram os dois individuos: Purdy, chamava-se um, e era jogador de

A vingança macabra

(Continuação)

box de profissão; o outro não era mais do que o seu *sparring-partner*, de nome Holohan. Ambos eram perfeitamente conhecidos no bairro.

Os dois detidos declararam ter encontrado Yucatán Tonia em Leicester Square, acompanhando-a até em casa com a intenção de cearem com ella. Emquanto o faziam, appareceu um estrangeiro de rosto amarellado, que logo á entrada promoveu um desagradavel incidente, motivado evidentemente pela presença, em casa daquelles dois desconhecidos. Sua excitação era grande: ameaçava todo mundo, inclusive Tonia. Tanto Purdy como Holohan accrescentaram que, como não queriam vêr-se envolvidos em complicações, e ainda menos com um personagem como aquelle, se retiraram immediatamente. Emquanto ao que tinha succedido depois, não podiam declarar coisa alguma, pela simples razão de que tudo ignoravam. O caso pareceu claro á policia; por isso iniciou-se uma activa investigação para dar com o paradeiro de Tonio. Mas este, por motivos que guardava comsigo, de ordem privada seguramente, empenhava-se em não se deixar vêr.

Iam já para quinze mezes de buscas infructiferas, quando, uma tarde, Stevens, que vigiava numa rua proxima de Waterloo Road, acreditou vêr Yucatán Tonio, atravessando a calçada. Vinha do lado da estação e trazia numa das mãos uma pequena valise, e, na outra, uma caixa de folha de Flandres maior do que a maleta; acompanhava-o uma rapariga, estrangeira seguramente, morena, e de pequena estatura.

Isto foi uns quinze dias antes. Mas por uma dessas casualidades que seu collega Lamson considerava factor principal de seus exitos como dectetive, — Stevens tornara a vêr a mesma rapariga noites depois, em Leicester Square, quando passava de fronte dos focos do "Eldorado". Seguira-a durante duas horas em suas voltas pelo bairro; finalmente, já bastante adeantada a noite, chegou, sempre em seu encalço, á rua Lymposs 37, Stepney, quarto andar, porta á direita. Depois de repetir dois dias a vigilancia, acabou por tomar um aposento na mesma casa.

Transcorreram duas semanas. Stevens e Lamson installaram-se, primeiro, num quarto situado no andar abaixo daquelle occupado pela estrangeira; depois, favorecidos pela morte opportuna de um inquilino, passaram a occupar o aposento contiguo ao da rapariga. Desde então, montaram uma guarda severa, de dia e de noite, revezando-se, naturalmente. Essa vigilancia era o que contrariava extraordinariamente a Lamson.

A rapariga sahia duas vezes por dia para fazer compras modestas. Mas nunca se encontrava com ninguem e menos com alguma pessôa que parecesse compatriota sua. Ia direito ás lojas ou ao mercado, e voltava do mesmo modo para o seu pequenino aposento. Já estavam no decimo quarto dia de guarda. Lamson encontrava-se inteiramente farto de semelhante vigilancia, a seu vêr, de nenhum resultado. Mas do que estava principalmente cansado, era do máo cheiro insupportavel que parecia vir de certa fabrica de productos chimicos situada junto do rio, no fim da rua Lymposs — e que aproveitava restos e immundicies de toda especie como materia prima. Durante quatorze dias com as suas noites correspondentes, aquelles miasmas que se levantavam no ar lhe tinha envenenado o organismo e com isto a propria existencia. O cheiro horrivel parecia persegui-lo por toda parte, saturando-lhe a roupa, a comida, os lençóes do leito, até mesmo o tabaco que fumava. Stevens, ao contrario, não dava mostras siquer de tal-o adivinhado... Quando Lamson lhe falou do assumpto, limitou-se a aconselhar: "Não é nada..."

"Para elle, não é nada! — pensou Lamson, indignado com semelhante indifferença." Está claro! Pois elle tem a coragem de fumar no cachimbo um fumo nauseabundo que a mais ninguem occorrerá!..."

(Continúa no proximo numero)

UMA RUA QUIETA...

De GILBERTO VEIGA

A minha rua é uma rua divertida...

Quando amanhece, tem de tudo: pregões de toda especie, o clássico buzinar dos caminhões de leite, o homem do realejo moendo sempre a mesma musica, e o periquitinho verde distribuindo sortes em papeis multicôres á garotada risonha e descuidada. Mulheres muito bonitas e muito núas, acompanhadas ou só, passam, roupões abertos ou sem elles, de pernas torneadas, capazes de accender desejos nos olhos de um frade de pedra, pintada com todas as côres de um pôr-de-sol, irrequietas como as aguas de um arroio, nervosas como a haste de um junquilho, estalando na calçada os tamanquinhos chinezes. Homens, bustos nú, deixando ver as protuberancias dos musculos talhados a pelle bronzeada pelo chicote do sol, tambem passam, sobraçando barracas para as mulheres, e bolas para o exercicio benefico e salutar. Vão á praia, á formosissima praia de Copacabana, campo vasto de exposição de formas hellenicas e corações á bôcca...

Durante o dia, ricos automoveis, descargas abertas, buzinas premidas, passam, passam, passam...

A' noite quando os fócos electricos se engalanam, os namorados, braços nos braços, olhos nos olhos, um cicio á ponta dos labios, devagarinho, passos medidos, vão e vêm, sempre no mesmo trecho, caminhando sempre para o mesmo destino inexoravel: para a morte do amor.

De quando em quando, aqui e ali, á sombra de uma arvore protectora, dois vultos se confundem. São, ainda, dois amorosos. A' passagem de algum *intruso*, silenciam. (Si é que falavam...) Parecem figuras de granito... Não sei si só na apparencia... O facto é que, de tão parados, de tão mudos, dão a idéa de estatuas a quebrarem o alinhamento das arvores.

Quebrando a paz das coisas e a quietude dos que amam, gurys jogam o "foot-ball". E apitam, e gritam, em côro, fazendo uma algazarra de todos os diabos. Nos portões de vivendas ricas, faustosas, occultas sob espessa ramaria ou sob muros de "ficus", creadinhas catitas, na sua maioria portuguezas, de aventaes e toucas brancas olham o seu *amoire* á esquina, na espectativa do momento azado, ou, embebidas, assistem a um grupo de garotas que jogam a peteca. Riem. O seu riso é expontaneo e feliz. Riem porque o riso lhe vem á bôcca naturalmente, ingenuamente, sem outra causa alem da sua razão simples de ser. Não tem motivos para outra coisa. Cumpriram *mais ou menos*, os seus modestos deveres quotidianos. Agora, folgam. Folgam e sentem-se felizes. A ambição é, relativamente, pequena. Consiste num *baile* em algum "club" do Largo do Machado ou da rua do Cattete, aos sabbados, onde se sacolejam toda, no abraço voluptuoso e quente da dança, ao som de um "jazz" rouquenho e barato...

A noite vai seguindo o seu curso normal. Os automoveis diminuem em numero. Os garôtos, pernas bambas, suando por todos os póros, são reclamados pelas respectivas mamãs e não têm outro remedio sinão mergulharem nos lençóes de linho. Os namorados, um a um, debandam. Restos de caricias lhes affagam as mãos e um pouco de desejo lhes põe nos olhos brilhos de crystal liquido. Vão indo, vão indo e, já dobrando a esquina, enviam á sua amada, na ponta dos dedos tremulos, o ultimo beijo e a derradeira despedida, como uma promessa futura, breve... As *domesticas, doce e saudosamente constrangidas*, arriam os ferrolhos dos portões: *tout est fini*. As luzes que brilham através dos "stores" e das venezianas vão, pouco a pouco, se apagando. E a minha rua parece mergulhar, tambem, no somno que envolve os homens e as coisas como um véu de caricias, quando, cães e gatos despertando, entram em scena. E ladram e miam noite a dentro, intermina e desastradamente, conseguindo com seus infernaes alaridos, tornar os nervos da gente vibrateis e tezos como as cordas de uma viola. Já madrugada, quando os eternos inimigos da lenda resolvem pôr cobro á sua doida gritaria, quando, no céu, as estrellas tremem no primeiro desmaio, os gallos e suas companheiras batem azas e cantam e cacarejam com tanta força, com tanta maldição, como si fossem visitadas por um *cará-cará* perigoso, despertando o homem que só a altas horas conseguira dormir...

E' muito divertida a minha rua, não resta duvida...

O DR. JOAQUIM BENTO

NASCIDO na terra das A'guias, em noite tempestuosa de ha trinta e poucos annos, o doutor Joaquim Bento possuia a têz terrosa, antes preta que branca, que lhe viéra não sabia como, pois os paes eram brancos, raça pura, *puurissima!* E ahi estava o nome: *Beento*, Joaquim *Beento*, dos *Beentos* de Lisbôa, jenuino portuguez, datando de Egas Moniz, de D. Ignez de Castro, de mais longe ainda...

Fructo do caldeamento de raças oppostas pelas ambições, possibilidades e vicios, reunira os sonhos de grandeza de uma á passividade animal da outra; as taras da primeira ás baixas caracteristicas da segunda: dahi, o admiravel *doutor* Joaquim Bento.

Chefe em uma das repartições do Ministerio da *Aviação*, doutor *"embromatoria causa"* por inexistente Universidade estrangeira, titulava-se unica autoridade technica do paiz sobre determinado assumpto, do qual, em verdade, conhecia alguns dados estatisticos mal colleccionados de revistas americanas.

Physica e moralmente, formava o typo completo do cretino, carregando comsigo — bagagem de reclame —, de mistura a assombrante cabotinismo, uma vaidade malsã, de menino bonito empoado e *rougé*, e, em sua megalomania, scientifica, toda a ridicula ignorancia todo o horror de um immenso vazio, toda a risivel preciosidade de seu negativismo.

Encontraram-no ali, ao saltar do bonde "Praia Vermelha" para tomar o omnibus que os conduziria mais rapidamente á cidade. Vinha o Gustavo ainda estonteado pela belleza panoramica de capital, vista do alto; pela imponencia da imagem que se erguia, no cimo do Corcovado, e que lhe deixára como em deslubramento uma impressão de infinito, accordando-lhe nalma um reconhecimento profundo por esse Deus que o creára, e que lhe permittira ver sua obra, e a dos homens dynamizados pelo progresso.

Fabio ridicularizára-lhe o arrebatamento; glozára-lhe o arroubo, o extase com que mirára o Christo. Cumprindo sua missão de socio da Liga Anti-Clerical, aproveitára a *deixa* para insuflar a idéa de um contraato entre a C. E. F. C. e a Nunciatura Apostolica do Rio de Janeiro...

Encontraram-no ali, mal saltavam do bonde.

Cumprimentou-o, o Fabio, e, porque se lhes aproximára para falar, apresentou Gustavo:

— Meu amigo Gustavo de Avila: o doutor Joaquim Bento...

E, a seguir, ficaram os dois ouvindo, silenciosos, as confidencias do doutor.

Discorreu longo tempo sobre a industria da baquelita no Brasil, enumerando dados, prolixo de idéas. Depois, como percebêra que o Gustavo era absolutamente crú no assumpto; por saber ter chegado ha apenas alguns dias de uma cidade sulina, vindo pela primeira vez á capital — como lhe fizéra sentir o Fabio —, não perdeu vasa para estatelar o *provinciano*, fazendo a apologia de seu proprio *eu* na mais lidima expressão de asqueroso pernosticismo.

Socio do Botafogo — dizia —, dansarino *emerito*, tinha de queixo cahido as pequenas, que o desejavam nas festas, nos bailes mensaes... que lhe supplicavam as transportasse na embriaguez das danças... que sensualizadas se aconchegavam em seus braços, de *atelêta* moço, influenciadas pelo seu *rafinemánte*, embaladas na sua voz quente, cariciosa, que lhes acordava estranhos *frissãos*, que as *bestificava*, que as endoideciam...

De Eug. Lapagesse

Não havia resistir-lhe! Era mestre no assumpto! que o dissesse o Chico.... E, muito especialmente ao Gustavo: "Sabe, o Ministro...." Não estranhasse o amigo; era assim que o chamava na intimidade.... tinha graça tratál-o de "Ministro"! O Chico fôra sempre seu amigo do peito, e elle era o amigo de peito do Chico!.... "Sim, Senhor!" E arrotava estupidamente, o bruto!

Não pensava em se casar; não precisava casar-se.... Certa vez, para se distrahir, fizéra uma lista das meninas casadoiras de suas relações, das suas candidatas, e, não sabia como, isso *transfugára* na repartição.... Cercaram-no! Queriam saber, ellas todas, as suas auxiliares, si se achavam incluidas na tal lista.... Era de vêl-as, *enrubadas*, ansiosas! Os *corações*, adivinhára, batiam acelerados, *entusmecidos*.... Até uma velha gaiata, com manias de moça casadoira—o dr. Fabio conhecia: a Eulalia....—, se lhe atirara á frente, toda se requebrando, toda *pundorosa*, a saber si tambem estava na lista, si não seria ella a escolhida.... Causára-lhe nojo aquelle descaramento! Uff! E a puzéra na rua...

Nas salas, nos salões da sociedade, nas reuniões familiares, era o *quindim das pequenas*.... Espertalhão, tomava-lhes os queixinhos mimosos nas mãos finas, tratadas—que elle era cuidadoso das mãos!—, e lhes acariciava as faces setinosas, embebendo-se nos olhos que o fitavam mergulhados nos seus, esperando a revelação que se propuzéra fazer sôbre o futuro—elle, *Doutorr Joaquim Beento!*—, futuro que buscava nas pupilas, *nessa roda colorida que dá vida aos olhos*, e que traduzia sempre risonho, sempre feliz pois não era *trouxa* de o pintar medonho ás suas apaixonadas....

Aprendêra isso, a ler nos olhos, com um sabio *ciográpho* egypcio, quando estivéra nos Estados Unidos, ha coisa de um *lustre*, e onde....

Admiravam-se, os amigos—e os tinha em grande numero, amigos e admiradores!—, de ainda não o haverem indicado para lugar de destaque na direcção do paiz.... Homens como elle, diziam, não deviam ficar *inaquilicos*, confundidos no populacho, nessa caterva de *ignorantãos!* — Homem de *visualismo*, sem preconceitos de raça, *illibado!*

Nos Estados Unidos, onde residira dois annos.... —e desfiava um rosário de encomios á grande nação americana, e se confundia com ella, salientando-se, engrandecendo-se....

E todo elle celebrava conhecimentos, explorando a attenção que lhe dava o recém-apresentado, a ouvil-o emmudecido, assombrado, revoltado ante tanta nojeira, mal contendo o asco e o riso a espoucar-lhe nos lábios inconvenientes...

Não se reteve por muito, o Gustavo: uma gargalhada sonóra, escandalosa, rebentou em borbotões da bôcca que se abrira num esgar nervoso, e sacudiu, em ondas, o espaço. Num frenesi, tomou o braço, ao amigo, que o olhára abysmado, e o puxou, rápido, imperioso, acenando um bonde que surgia na esquina da Voluntários, camanho da cidade.

Era demais! Não pudéra supportar aquillo!

E lá se foram, os dois, emquanto o doutor Joaquim Bento quedava piedosamente compenetrado ante o signal que lhe fizéra o Fabio, volteando o indicador por sôbre o parietal direito....

(*Capitulo de um romance inédito*).

Desejo

Não desejo a riqueza, porque sou rica de illusões... Não desejo o poder, porque tenho poder sobre mim mesma... Não desejo a saúde, porque minhas faces são duas petalas de rosa... Não desejo a belleza, porque o espelho do regato me diz que sou a mais formosa... Não desejo correr o mundo para ver coisas estranhas, porque meus olhos, ajudados pela minha imaginação podem ver, todos os dias, no mesmo recanto do prado uma coisa nova...

Só desejo, apenas desejo uma pequena coisa, muito pequena, mesmo... Que me abras teu peito, um pouco para a esquerda... Ahi está o que quero... Poderás dar-me o que desejo?... — G. D. THEODORESCO.

SEARA

O eterno thema...

Poder amar é o privilegio da mocidade; mas, saber *amar* é o privilegio da edade madura.

* * *

PRIMEIRO AMOR

ERAM ainda adolescentes.

Galeno amava apaixonadamente a Minota; esta amava ternamente áquelle. Minota gostava mais de Galeno que de si propria; este gostava mais della que de toda gente.

Uma só palavra nunca haviam trocado sobre a inclinação de um pelo outro. Mostravam, testemunhavam a grande affeição só pelos olhos. Estes não os enganavam nunca e diziam muitas coisas agradaveis, provocando, ás vezes, sorrisos só por elles comprehendidos.

Galeno andava já impaciente; e uma circumstancia imprevista, dada a intimidade entre as familias de ambos, fêl-o cortejador ás claras. Num impulso inconsciente pegára na dextra de Minota e, como si a pequenina mão della possuisse qualidades magnéticas, não a soltava.

Occultando a sua alegria com ar de afflicção, disséra-lhe, baixinho:

— Deixe-me!

Com um gesto involuntario, deixara-a.

E Minota censurara-lhe mais tarde a ousadia:

— Nunca pensei que você fôsse tão *confiado!*

— Perdôe-me.

— Peço-lhe não abusar da minha confiança.

— Não sabia que tinha confiança em mim.

— Si não a tivesse, não estaria falando-lhe aqui.

A pequenina mão estava estendida sobre a mesa, ao pé da qual estavam os dois sentados, e a modo provocava Galeno á cobiça de beijál-a.

E erguêra-se inopinadamente da cadeira e beijára-lhe a dextra, mas, de modo demorado.

E ficára inerte a joven, sem poder articular uma só palavra, e deitára a testa sobre a mesa, e chorara.

E tivéra elle impetos de lhe beijar a nuca, mas os passos de alguem o impediram de assim proceder.

A partir desse dia, perderam o acanhamento e ficaram perdidos de amor.

* * *

Certa vez, um accesso de ciume separou-os. E ella, sem querer reprimir o seu orgulho, e elle, sem querer humilhar-se ante a sua amada, iam prolongando o tempo.

Os paes de Minota foram passar uns mezes na fazenda delles. O de Galeno aproveitára a opportunidade e separára difinitivamente aquelles dois corações que muito bem se queriam, mandando o filho estudar no Rio de Janeiro, para onde seguira.

Separaram-se os jovens sem um entendimento prévio. E o tempo foi passando.

As duas familias eram muito amigas; emtanto, nem uma nem outra desejava a união dos dois jovens pelos laços matrimoniaes.

Os paes de Minota tinham orgulho do seu mestiçamento mas, apenas com indio; e augmentava esse orgulho lembrando elles que sob a mesma influencia éthnica estiveram muitos brasileiros notaveis, como Odorico Mendes, Diogo Feijó e outros, sendo certo não acontecer o mesmo com o pae de Galeno, o qual não era muito, muito branco, e em cujo sangue havia algo do africano, não obstante existirem tambem muitos notaveis nas mesmissimas condições.

O progenitor do joven, ha muitos annos viuvo, por sua vez não desejava tambem aquella união, porquanto sabia existir uma tara de familia, um defeito physico nos paes de Minota, primos carnaes, pois ninguem ignorava que toda aquella gente soffria do peito.

Em carta ao pae, pedira o estudante ir passar as férias no seio da familia.

Férias?! Galeno era do nordeste, dizia-lhe o velho em resposta, portanto fôsse

ALHEIA

Não receies ficar silencioso quando se fala de amôr em publico. O que tenhas a dizer, guarda-o para dizel-o na intimidade. Quando estiveres ao lado da mulher amada, sabe então da tua reserva...

* * *

As mulheres são indiscretas em amor e, no emtanto, não querem que os homens o sejam. — CLAUDIO ANET.

Musco e Mussolini

O chefe do governo italiano concedeu uma audiencia ao celebre actor siciliano, Musco. Este, ao entrar, encontrou o "Duce" sentado deante da sua secretaria e com cara de poucos amigos.

Depois de ligeira saudação, Mussolini perguntou-lhe, bruscamente:

— E' fascista, Musco?

Ao que o actor, com uma franqueza que fez rir Mussolini, logo respondeu:

— Excellencia, sou marinheiro e salto as velas do lado que sopra o vento.

DE HORMINO LYRA

passál-as no sul, afim de conhecer o Brasil. Tinha dinheiro para gastar com o filho; portanto procurasse passear, ver novas terras e aproveitasse a bôa vontade de quem não pudéra em moço realizar o que tanto desejára sempre. Quando as saudades se tornassem excessivas, tomaria passagens até o Rio. Havia nisso duas vantagens: o pae e as irmãs de Galeno gozariam então o passeio; esse, a convivencia da familia.

Nesse meio tempo, conseguiram os paes de Minota casál-a com um parente muito rico e muito bôa pessoa.

Galeno desistira, por fim, de tornar ao Estado natal. Fórmára-se em direito e fixára residencia no Rio. Por sua vez, casára muito tempo depois.

* * *

O tempo passa. Passa a mocidade.

Em certo dia, encontrára Galeno um casal na avenida Rio Branco: o homem estava já com o cabello entre branco e preto; a mulher, madura. Achára a senhora bem sympathica. Esta lhe trouxéra reminiscencias. Ficára a pensar, a parafusar no encontro... Era Minota! Jurava...

O marido della nunca tivéra sciencia do passado e procurára falar com o coestaduano no escriptorio de advocacia. Conhecia-o de nome e tinha immenso desejo de o conhecer em pessôa. Doutor Galeno fôra visitál-o em seguida.

Encontraram-se os antigos namorados. Sorriram. Sorriram depois como nos tempos de jovens! Encontraram-se muitas vezes. Falaram-se outras tantas... E o innocente marido sentia-se cada vez mais honrado com as visitas de doutor Galeno.

. . . .

O primeiro amor é uma braza sob cinzas; ao mais leve sopro o carvão incandesce.

. . . .

Ninguem diria que Minota, ao voltar para o seu Estado, levasse tantas saudades do Rio de Janeiro.

A bordo. Fizeram soar a sineta. O navio estava repleto. Muita gente a sahir, a entrar. Abraços. Beijos. Apertos de mão. Sorriam uns; choravam outros.

O marido de Minota despedia-se de alguns amigos. Ella, em companhia de doutor Galeno, não chorava nem sorria, resistindo á despedida. Quando, porém, a abraçára e lhe dissera quasi ao ouvido — "Sê feliz... adeus, minha saudade!", nada pudéra a senhora responder: desapparecêra-lhe toda a energia deante do coração a conterccr-se em pranto.

E para que o marido, ao approximar-se della, não percebesse a dor que lhe torturava o frágil peito, fingia estar contente mas, de quando em quando, ia ao beliche e lavava os olhos com agua fria e dava retoques na maquilagem. (1)

Uns homens largam as amarras ao navio.

De bordo, de terra, com as cabeças, os braços, os lenços acenavam velhos, adultos, adolescentes. Gritavam de cá, de lá, recommendando cuidado, mandando lembranças a outrem, dando adeus, desejando bôa viagem.

O navio enceta a marcha.

Conchegada ao marido na amurada da embarcação, vendo a esteira que a nave ia deixando nas aguas da Guanabara, de vez em vez a medo ouvia a voz do outro: — "Adeus, minha saudade!" E, ainda enternecida e vibrátil, de si para si respondia — "Adeus, meu primeiro amor!"

(Do livro inédito "No Reino dos Corações").

(1) *NOTA DO A. — A referir-se um erudito professor de portuguez á referencia de Scheler sobre a origem do franc. "maquiller", este de "masquillier", cognato do lat. "masque", lembra a fórma "masquilar". Porém (é nossa a opinião) ajusta-se melhormente á euphonia e em melhores condições accommoda-se ao uso dar-se-lhe feição portugueza por meio da graphia "maquilar", com elisão do "s" médio, adoptando-se consequentemente o substantivo "maquilagem"; tudo, por falta de correspondente vernaculo e todos cognatos, com igualdade, do lat. "masque"!*

O INTERPRETE GREGO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação)

"Recusa. Para tratar com elle precisam de um interprete; dirigiram-se ao senhor Mélas, porque não encontraram outro.

"A rapariga não sabe da chegada do irmão; é por acaso que dá conta della."

— E' isso mesmo, Watson, exclamou o meu companheiro. Julgo que está perto da verdade. Vê que temos todos os trumphos na mão. Antes de mais nada, é preciso evitar que elles commettam um acto violento, mas se elles se demoram, por pouco que seja, apanhal-os-emos no momento proprio.

— Muito bem. Agora diga-me como vae descobrir a sua morada.

— Se não me enganei nas minhas conjecturas, supponho que o nome da rapariga é, ou era, Sophia Kratides; encontraremos facilmente a sua pista.

"E' a nossa unica esperança, afinal porque o irmão, está claro, é um desconhecido. Além disso deve haver um certo tempo, pelo menos algumas semanas, que o tal Harold está em contacto com a rapariga, visto que o irmão chegou a ter conhecimento disso na Grecia, e que teve tempo para vir de lá.

"Se habitaram a mesma casa desde esse momento, os annuncios que Mycroft fez nos jornaes não ficarão sem resposta."

Tinhamos chegado, sempre falando, á nossa casa de Backer Street. Holmes entrou primeiro, subiu a escada, e deu um grito de surpreza ao abrir a porta da sala.

Eu não fiquei menos admirado, olhando por cima do seu hombro, de ver Mycroft assentado num *fauteuil* com um charuto na bocca.

— Entra, Sherlock, entre, sr. Watson, disse elle, num tom amavel, sorrindo da nosa surpreza.

"Não esperavam um esforço tão grande da minha parte, não é verdade, Sherlock? Confesso porem que este assumpto me interessa no mais alto grau."

— Como é que vieste até aqui?

— De carro, passei-vos adeante.

— Ha alguma novidade?

— Tenho uma resposta aos meus annuncios.

— Ah!

— Sim, recebi-a alguns instantes depois da vossa partida.

— E o que diz?

Mycroft Holmes tirou da algibeira uma folha de papel.

— Ei-la, disse elle. Foi escripta com penna em bom papel branco, por um homem de meia edade e de constituição delicada.

"Diz o seguinte: "Senhor, em resposta ao seu annuncio de hoje, tenho a honra de o informar que conheço perfeitamente a rapariga em questão. Se quizer ter a bondade de passar por minha casa, dar-lhe-ei alguns pormenores sobre a sua lamentavel historia. Habita em Myrtes, perto de Beckenham. Affectuosamente, seu J. Davenfort."

"Quem escreveu isto foi Lower Brixton.

"Não te parece, Sherlock, que era bom tomarmos uma carruagem e ir interrogal-o"?

— Meu caro Mycroft, a vida do irmão é mais preciosa que a ventura da irmã. Deviamos passar por Scotland Yard para levarmos comnosco o inspector Gregson e ir directamente a Benckenham.

"Sabemos que ha ahi um homem em perigo de vida, e não temos um minuto a perder."

— Será conviniente levar o sr. Melas, disse eu, é provavel que etnhamos necessidade de um interprete.

— Optimo! exclamou Sherlock Holmes. Mandem o criado buscar uma carruagem e partamos immediatamente.

Vi-o então abrir a gaveta da mesa e metter um revolver na algibeira.

— Sim, disse elle, percebendo que eu tinha visto o seu gesto, estamos a contas, ao que parece, com uma quadrilha de typos muito especialmente perigosos.

Era tarde quando chegamos á casa do sr. Melas, em Pall Mall.

Disseram-nos que precisamente um boccado antes tinha vindo procural-o um individuo com quem sahira de carruagem.

— Esse individuo disse quem era?

— Não.

— Não será um homem alto, moreno, bonito rapaz?

— Oh! não, senhor; era um homemzinho baixo, magro de rosto e que usava lunetas. Tinha um ar muito jovial, e ria muito quando falava.

MADONA DA TRISTEZA

Eu te sonhei assim, Madona da Tristeza,
Num mysticismo vago, á luz d'um luar de opala;
Eu te sonhei rezando uma saudosa reza,
Tendo as cinzas, no olhar, de uma fanada gala!

Eu te sonhei assim, tendo minh'alma presa
Do delirio febril do sonho que me embala:
Numa oração de amor, junto da pyra accêsa
Em que minh'alma adia, ó pallida Madalena!..

No silencio claustral da minha alcova escura,
Rezavas ó Mad na! uma oração sublime
Que inda hoje o coração magoado me conforta..

O' monja da Illusão, minh'alma te procura!
Vem rezar a oração que os corações redime
Para a resurreição da minha crença m rta!

MANOEL M. GRALHA

(Do livro inedito, "*Miragens do meu deserto*".)

— Venham depressa, exclamou Sherlock Holmes. Isto vae-se tornando grave, accrescentou, ao rodarmos para Scotland Yard. Essa gente tornou a deitar a mão a Melas que é pouco decidido: perceberam isso na outra noite. O scelerado com certeza o atemorisou quando se viu frente a frente com elle. E' certo que elles têm necessidade dos seus serviços, mas poderiam muito bem castigal-o por causa disso que reputaram uma traição da sua parte.

Esperavamos, apanhando o comboio, chegar a Beckenham ao mesmo tempo, ou talvez antes da carruagem. Mas em Scotland Yard perdemos uma hora á procura do inspector Gregson e a obter as auctorisações indispensaveis para que a policia invadisse a casa.

Eram portanto dez horas menos um quarto quando chegamos a London Bridge. Tres quartos de hora depois apeavamo-nos na estação de Beckenham, situada a meia milha de distancia de Myrtes, para onde um carruagem nos transportou.

Era uma grande casa sombria, elevando-se a uma certa distancia da estrada, no meio do jardim. Ahi, mandamos embora a nossa carruagem e entramos pela alameda que conduzia á casa.

— As janellas não estão illuminadas, notou o inspector. A casa parece abandonada.

Fugiram-nos os passarinhos; está o ninho vasio, disse Holmes.

— Como é que sabe?

— Não ha de haver mais de uma hora que por aqui passou um carro, muito carregado com bagagens.

O inspector sorriu:

— Tambem notei os sulcos de rodas á luz da lanterna que está suspensa na grade; mas por onde deduz que tenham sahido bagagens?

— Deve ter reparado nos mesmos sulcos de rodas no outro lado. Mas estas, do carro que sahiu, eram muito mais profundas; de onde concluo sem hesitação, que o carro levava uma carga pesada.

— Isto é realmente perspicaz de mais para mim, disse o inspector, encolhendo os hombros.

— Não será facil forçar esta porta. Vamos a ver primeiro se conseguimos que nos ouçam.

Bateu com violencia com a aldraba da porta, depois tocou a campainha, mas sem resultado. Holmes, neste intervallo tinha-se affastado; voltou alguns minutos depois.

— Consegui abrir uma janella, disse elle.

— E' uma felicidade que o senhor esteja ao lado da policia e não contra ella, sr. Holmes, disse o inspector, vendo a habilidade com que Holmes tinha forçado o fecho. Pois bem, em vista das circumstancias, sou de opinião que se entre sem mais formalidades.

Uns atraz dos outros entramos num grande quarto, evidentemente o mesmo em que Melas tinha sido introduzido. O inspector accendera uma lanterna, e á sua claridade vimos perfeitamente as duas portas, o cortinado, o candieiro e a armadura japoneza, descriptas por elle. Sobre a mesa estavam dois copos e uma garrafa vasia que tinha contido cognac, e os restos de uma refeição.

— Que ouço eu? perguntou Holmes de repente.

Mudos, puzemo-nos a escutar: era um som gemebundo e surdo que parecia vir de um quarto por cima de nós.

Holmes precipitou-se para o vestibulo: o lugubre ruido vinha do andar superior. Subiu rapidamente com o inspector, e eu atraz delles, emquanto que seu irmão Mycroft nos seguia tão depressa quanto lhe permittia a sua obesidade.

Tres portas davam para o patamar do segundo andar, e era da porta do meio que partiam os sinistros rumores, um murmurio surdo alternando com um gemido agudo. A porta estava fechada, mas a chave por fóra; Holmes abriu-a violentamente, entrou e tornou a sahir logo, levando as mãos á garganta.

— E' carvão de pedra, exclamou elle, esperem um pouco, o fumo vae sair.

Olhando bem, vimos no meio do quarto uma chamma azulada, que vacillava num fogareiro de tres pés, e que originava a unica claridade que nos allumiava.

A chamma projectava no chão um circulo de luz baça, emquanto que fóra, na sombra, percebiamos duas silhuetas encostadas á parede.

Da porta aberta vinha um horrivel e venenosa exhalação que nos atacava a garganta.

Holmes precipitou-se para o patamar, para aspirar um pouco de ar puro, depois voltando apressadamente ao quarto, abriu de par a janella e atirou com o fogareiro ao jardim.

— Poderemos entrar d'aqui a um momento, disse elle, procurando tomar o folego. Era preciso uma vela. O que não sei é se será possivel accender um phosphoro naquella atmosphera.

"Segurem essa vela deante da porta. Mycrot e nós vamos tentar tiral-os d'alli. Vamos!"

(Cont. na pag. seguinte).

MINAS GERAES

Tens vastidão:— por extensões tamanhas,
Succedem-se os enlevos e as surpresas,
No regaço aprazivel das devezas,
No cyclopico arrôjo das montanhas!

Tens magias: á luz em que te banhas,
Tudo é luz, e são côres:—são bellezas
Em claridades tropicaes accesas,
Em brancuras de luar doces e estranhas.

Tens riqueza: a este paramo do Novo
Mundo, algum genio millionario veio
E tudo que trazia dispersou...

E tens, Minas Geraes, teu grande pov ,
Cujas nobres virtudes, em teu seio,
A propria Natureza acrisolou!

SEBASTIÃO NORONHA

N'um pulo estavamos ao pé dos desgraçados que transportamos para o patamar. Tinham os dois, os beiços arroxeados, a cara inchada e os olhos congestionados, e pareciam ter perdido os sentidos.

As suas feições estavam de tal forma transtornadas, que nem poderiamos ter reconhecido num delles, o interprete grego, que deixaramos no "Club Diogenes", se não fosse o indicio fornecido pela sua barba e pela sua corpolencia.

Tinha as mãos e os pés fortemente ligados, e sobre um dos olhos o signal de uma pancada violenta.

O outro parecia muito alto e via-se que tinha chegado ao ultimo estado de magreza. Amarrado exactamente como o primeiro tinha sobre a cara umas tiras de tafetá dispostas d'uma forma grotesca.

Deixara de gemer no momento em que o puzhemos no chão, e percebi que chegaramos tarde já para o salvar. Mas o senhor Mélas respirava ainda e em menos de meia hora, graças ao ammoniaco e á aguardente, abria os olhos e estava livre do perigo. Podia gabar-me de que o tinhamos arrancado á morte.

A historia que então nos contou, foi muito simples e não fez senão confirmar as nossas suspeitas.

Ao que parece a tal visita, entrando-lhe em casa, tinha-o intimado fortemente, mostrando-lhe um cacete que tirara de uma manga, e o nosso homem vendo-se ameaçado de uma morte instantanea, tinha deixado que pela segunda vez o raptassem.

O effeito que esse scelerado tinha produzido no pobre interprete, era quasi magnetico, e não podia falar delle sem empallidecer, e sem que de todos os seus membros se apossasse um tremor.

Tinha sido rapidamente levado para Beckenham e tinha servido de interprete numa segunda entrevista, mais dramatica ainda do que a primeira.

Durante esta entrevista os dois inglezes tinham ameaçado de morte o seu prisioneiro caso não se submettesse ás suas exigencias. Mas encontrando-o inaccessivel ao terror, tornaram a mettel-o na sua prisão, e recriminando a Mélas a sua traição, da qual tinham a prova pelos annuncios dos jornaes, prostraram-n'o com uma cacetada.

O desgraçado não sabia nada mais do que se tinha passado até ao momento em que nos viu debruçados sobre elle.

Eis a singular aventura do interprete grego, aventura sobre a qual plana um mysterio profundo.

O individuo que tinha respondido ao nosso annuncio, informou-nos que a rapariga pertencia a uma familia grega, rica, e que, tendo vindo passar algum tempo com uns amigos em Inglaterra, aqui tinha encontrado um rapaz chamado Harold Latimer; este tinha adquirido sobre ella uma influencia bastante para a persuadir a fugir com elle. O irmão chegando a Inglaterra, tinha-se imprudentemente deixado cahir nas mãos de Latimer e do seu cumplice chamado Wilson Kemp, cujos antecedentes são deploraveis.

Os dois compadres, sentindo bem que a sua ignorancia da lingua ingleza o deixava indefeso nas suas mãos, tinham-n'o conservado preso; em seguida tinham tentado chegar a uma conciliação; maltratando-o e deixando-o soffrer fome, esperavam fazer com que abandonasse em favor delles, os seus proprios bens e os de sua irmã.

Tinham-n'o mettido em casa, ás escondidas da rapariga, e o tafetá que lhe cobria a cara, tinha por fim tornal-o irreconhecivel no caso della o ver. O seu instincto feminino tinha immediatamente transposto a mascara mal avistou o irmão, por occasião da primeira visita do interprete.

A propria rapariga, coitada estava tambem presa, porque, em materia de creados não deixavam penetrar na casa senão um homem que servia de cocheiro e a mulher, ambos, é claro, creaturas dos conspiradores.

Tendo percebido que o seu segredo estava descoberto, e que nada podiam obter do seu prisioneiro, os dois bandidos acabavam de abandonar com a rapariga, a casa mobilada que tinham alugado, sem se esquecer, entretanto, de se vingar do homem que lhes fizera frente e que os tinha trahido.

Bastantes mezes depois recebemos de Budapest um recorte singular de um jornal, contando a morte tragica de dois inglezes que viajavam com uma mulher. Tinham sido os dois assassinados, e a policia austriaca concluiu que elles deviam ter-se morto um ao outro, no decorrer de uma altercação.

Creio porem que Holmes não partilha desta opinião; pretende, ao contrario, que se pudesse encontrar a rapariga grega, melhor se saberia a forma por que foram vingados os ultrages de que fôra victima e os soffrimentos passados pelo seu desgraçado irmão.

FIM DO INTERPRETE GREGO

No proximo numero, do mesmo autor:

Os Projectos do Submarino «Bruce-Partington»

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ....48$000
Semestre (26 ») ....25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ....70$000
Semestre (26 ») ....36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ....78$000
Semestre (26 ») ....40$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ....116$000
Semestre (26 ») ....60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62 (Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136
Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 31, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

LAUBISCH HIRTH